



**CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE GEOGRAFIA**

SHARA BRUNETTO

JUVENTUDE DO CAMPO E O DIREITO À CIDADE

CHAPECÓ/SC

2021

SHARA BRUNETTO

JUVENTUDE DO CAMPO E O DIREITO À CIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia – licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul como requisito para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Igor Catalão

CHAPECÓ/SC

2021

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Brunetto, Shara
JUVENTUDE DO CAMPO E O DIREITO À CIDADE / Shara
Brunetto. -- 2021.
59 f.:il.

Orientador: Prof. Dr. Igor Catalão

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Geografia, Chapecó, SC, 2021.

1. Juventude do Campo. 2. Sociabilidade. 3. Consumo.
4. Direito à Cidade. I. Catalão, Igor, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

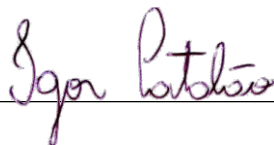
SHARA BRUNETTO

JUVENTUDE DO CAMPO E O DIRETO À CIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Geografia – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* Chapecó, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 19/10/2021.

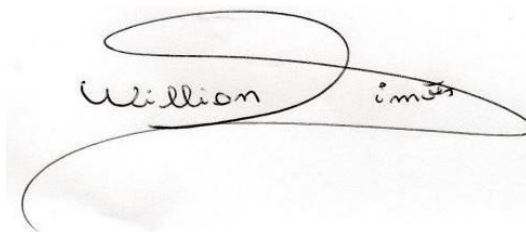
BANCA EXAMINADORA





Prof. Dr. Éverton de Moraes Kozenieski – (UFFS/*Campus* Erechim)

Avaliador



Prof. Dr. Willian Simões – (UFFS/ *Campus* Chapecó)

Avaliador

AGRADECIMENTOS

Agradecer as pessoas que tornaram esse trabalho possível é de extrema importância, visto que sem o apoio, a paciência e o incentivo não teria se tornado real. Em tempos pandêmicos e de isolamento, as palavras de carinho e conforto se tornaram fundamentais nesse processo, por isso eu início dizendo muito obrigada a todos vocês.

Primeiramente, eu gostaria de agradecer a minha mãe, que foi a pessoa que acompanhou de perto esse processo e esteve presente comigo de diversas formas, buscando sempre me incentivar e ajudar a tornar esse sonho de realizar uma graduação em uma Universidade Federal, de qualidade e pública. Ao meu pai, que esteve nessa luta mesmo antes da criação da UFFS e que me ensinou a lutar por aquilo em que acreditamos, pelos nossos sonhos e por um país melhor e mais justo para *todxs*. Agradeço também a minha irmã, meu cunhado e a nossa pequena Aghata, pelo carinho, pela inspiração, por estarem ao meu lado em diferentes lutas, mesmo que distantes. Ao meu companheiro Guilherme, que mesmo sem perceber me ajudou a passar por esse momento, sendo o meu refúgio nesse processo, com sua alegria, seu companheirismo e a sua motivação.

Quero agradecer também a todas as professoras e professores da minha família, que buscam lutar pela educação pública e de qualidade para *todxs*, e que engrandecem as escolas desse país. Agradeço aos meus colegas de curso, que não são apenas colegas e sim amigos e companheiros de luta, e que devido à distância e ao isolamento não estiveram comigo presencialmente no período final da graduação, mas estiveram presentes em todos os outros momentos e me inspiraram a ser uma profissional melhor. Também quero agradecer aos meus amigos e colegas do ônibus que fizeram as minhas noites mais alegres, além do apoio e incentivo para que eu persistisse e realizasse minhas conquistas, em especial a Laura, que sempre esteve ao meu lado.

Não posso deixar de agradecer a cada professor que fez parte da minha história, em especial aos professores da graduação, que impactaram e proporcionaram uma formação crítica, além de serem inspiração para continuar a luta pela educação pública, meu muito obrigada.

Ao professor Igor Catalão, não cabem palavras para descrever o sentimento de gratidão por me acolher e me proporcionar momentos de formação muito importantes para a constituição de uma percepção de mundo, mas também na minha construção enquanto geógrafa. Seus ensinamentos, sua paciência e sabedoria, seu apoio e incentivo, foram essenciais nesse processo. Muito Obrigada.

Não poderia deixar de agradecer a todas as pessoas da UFFS que compraram as minhas trufas, pois sem a venda delas essa conquista não seria possível. Foi por meio delas que eu permaneci e cheguei até aqui, logo, muito obrigada a todos que compraram e fizeram parte dessa história, em especial à Gabriela que, quando eu estava desanimada e com as vendas em baixa, me ajudava a vender e fazia enorme sucesso.

À professora Adriana eu deixo registrada a minha gratidão, pelos ensinamentos e por me dar a família Geoartistas, e me ensinar que mesmo na Geografia existe arte, e que podemos sim mudar a educação através dela. Obrigada, família Geoartistas!

E, por fim, gostaria de agradecer, todas as pessoas que lutaram pela criação e permanência da Universidade Federal da Fronteira Sul. Foi um caminho longo, mas cheio de lembranças que levarei na minha formação e para a vida. Obrigada a todos!

RESUMO

A urbanização no século XX se estendeu pelo Brasil, através da industrialização de grandes centros, porém esse processo não se limitou às cidades, estendendo-se até o campo. O processo de urbanização do campo na região de Chapecó vem desde meados de 1950, passando pela modernização do campo através de máquinas agrícolas, chegando no fim do século XX e início do XXI com mudanças que vão além dos meios de produção, são mudanças no modo de vida dos moradores do campo. Para compreender esse processo, pretende-se analisar o direito à cidade na perspectiva das juventudes do campo especialmente no que tange às relações que ela estabelece com a cidade em termos de lazer, pertencimento/conexão e consumo. Para atingir esse objetivo, para além do debate teórico, foram realizadas entrevistas de forma online com a pretensão de evidenciar aspectos do cotidiano dos jovens do campo, bem como suas práticas espaciais realizadas entre a cidade e o campo. Portanto, a urbanização do campo, aqui em evidência, vai além da modernização dos modos de produção, passa por uma transformação do modo de vida camponês, para uma apropriação do modo de vida urbano e é de extrema relevância para entender o contexto dos jovens no campo atualmente, marcado por uma variedade de práticas e formas de apropriação dos espaços.

Palavras chave: Juventude do Campo, Sociabilidade, Consumo, Direito à Cidade.

RESUMEN

La urbanización del siglo XX se extendió por Brasil a través de la industrialización de los grandes centros, sin embargo ese proceso no se limitó a las ciudades, extendiéndose hasta el campo. El proceso de urbanización del campo en la región de Chapecó ocurre desde mediados de 1950, pasando por la modernización del campo por medio de maquinarias agrícolas, llegando a finales del siglo XX y principios del XXI con cambios que van más allá de los medios de producción, son cambios en el modo de vida de los habitantes del campo. Para comprender ese proceso, se pretende analizar el derecho a la ciudad en la perspectiva de las juventudes del campo especialmente en lo que se refiere a las relaciones que ella establece con la ciudad en términos de diversión, pertenencia/conexión y consumo. Para lograr este objetivo, además del debate teórico, se realizaron entrevistas en línea con la pretensión de evidenciar aspectos de la vida cotidiana de los jóvenes del campo, así como sus prácticas espaciales realizadas entre la ciudad y el campo. Por lo tanto, la urbanización del campo, aquí en evidencia, va más allá de la modernización de los modos de producción, pasa por una transformación del modo de vida campesino, para una apropiación del modo de vida urbano y es de extrema relevancia para entender el contexto de los jóvenes en el campo actualmente, marcado por una variedad de prácticas y formas de apropiación de los espacios.

Palabras-clave: Juventud del campo, Sociabilidad, Consumo, Derecho a la ciudad.

Sumário

SHARA BRUNETTO	4
Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 19/10/2021.....	4
1. INTRODUÇÃO.....	8
1.1 OBJETIVO.....	9
1.2 METODOLOGIA.....	10
2. URBANIZAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DO CAMPO.....	12
2.1 O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DO CAMPO E AS MUDANÇAS SOCIOCULTURAIS	14
3. JUVENTUDE DO CAMPO: SUJEITOS DE DIREITOS	27
4. RELAÇÕES DE CONSUMO E SOCIABILIDADE DOS JOVENS DO CAMPO.....	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS.....	54

1. INTRODUÇÃO

O campo, de maneira geral no Brasil desde meados da metade do século XX, vem passando por transformações que vão desde a modernização agrícola e a integração das propriedades rurais às agroindústrias até uma mudança no modo de vida que se tinha no campo e que atualmente está fortemente ligado ao processo de urbanização e industrialização. Ademais, essa mudança no modo de vida também impactou na vida dos jovens do campo e nas suas práticas espaciais associadas à sociabilidade, ao consumo e à educação.

Esta proposta de pesquisa parte da inquietação da pesquisadora, como moradora do campo, sobre a reestruturação urbana que conduziu a uma aproximação entre a cidade e o campo, cuja relação é muito complexa e diverge muitas opiniões. Assim, esta pesquisa contribuirá para compreender que a relação e essa transformação no modo de vida não significa a destruição do campo e da vida camponesa, mas sim uma apropriação da urbanização e de seus benefícios também pelos moradores do campo. Evidenciar, em particular, os jovens que, por muitas vezes, são invisibilizados e suas relações com o processo de urbanização e transformação do campo, visa contribuir para que eles possam acessar esses benefícios sem necessariamente sair do campo.

Para tanto, a noção de práticas espaciais ganhar importância no trabalho, entendida, de acordo com Catalão (2010), como movimento simultâneo de produção, apropriação e reprodução do espaço, ou seja, as práticas espaciais são os traços da realização da vida, por meio de hábitos e atividades associadas à movimentação e circulação no espaço vivido, que se tornam evidentes pela implementação de símbolos, fazendo do espaço uma mediação interativa.

Nessa perspectiva, em conjunto com as práticas espaciais dos jovens, é preciso compreender as redes de sociabilidade que, em concordância com Turra Neto (2008), significam que os espaços de sociabilidade constituídos pelos jovens são produzidos por intermédio do encontro de uma pluralidade de trajetórias históricas. A cidade enquanto locus desse encontro influencia e é influenciada pelas práticas e espaços de sociabilidade das juventudes de cada período.

Nesse sentido, esta pesquisa está estruturada da seguinte maneira: primeiramente, um debate teórico sobre esse processo pelo qual o campo vem passando, utilizando como referência os trabalhos de Henri Lefebvre, em especial seu livro sobre *O direito à cidade*, mas também um debate com autores atuais que estão preocupados com a urbanização brasileira e também

do campo. Em um segundo momento, busca-se aporte teórico para um breve debate sobre o que é ser jovem e os desafios encontrados, em especial, pelos jovens do campo.

Posteriormente, através principalmente das análises das entrevistas e dos croquis produzidos, buscou-se contemplar as relações estabelecidas pelos jovens do campo com a cidade de Chapecó, do mesmo modo que se procura evidenciar os benefícios e desafios que o processo de urbanização do campo em Chapecó teve na vida desses jovens, no que diz respeito tanto à permanência quanto à evasão dos jovens. É apresentado, dessa maneira, um debate entre a teoria e a análise das entrevistas.

Os capítulos apresentados acima estão dispostos para servir como base para nos mostrar o objetivo dessa pesquisa que foi de entender esse processo de mudança cultural associada à urbanização, mas no sentido de desfrutar dos benefícios, sem necessariamente deixar o campo ou perder as raízes do campesinato. Destaca-se a importância de problematizar o papel da juventude nessa relação campo-cidade.

Para compreender o contexto onde estão inseridos esses jovens do campo em Chapecó/SC, é substancial depreender a sua relação com a urbanização. Chapecó é um centro regional B pela REGIC (IBGE, 2018) e a urbanização e industrialização estão presente na vida dos jovens do campo, além da caracterização da região em pequenas propriedades de agricultura familiar, o que difere em inúmeros aspectos de outras regiões, logo, a realidade da juventude é muito própria dessa região do Brasil.

É importante salientar que a pesquisa sintetizada neste trabalho de conclusão de curso ocorreu em concomitância com a pandemia de Covid-19 e, por isso, algumas limitações ficaram impostas, como os trabalhos de campo. Outro aspecto relevante é que esse trabalho parte de uma continuação da pesquisa de iniciação científica sobre juventude, porém com um enfoque não mais em juventude da periferia de Chapecó e sim juventude do campo. Comparações entre as duas pesquisas serão analisadas em trabalhos posteriores.

1.1 OBJETIVO

Compreender o processo de urbanização do campo por meio das transformações culturais, econômicas e sociais, partindo do direito à cidade, na perspectiva das juventudes do campo, especialmente no que tange às relações que ela estabelece com a cidade em termos de lazer, pertencimento/conexão, sociabilidade e consumo, contribuindo para a reflexão sobre este direito a partir dos habitantes do campo, nas relações estabelecidas entre o campo-cidade, a fim de propor romper o isolamento e os estigmas.

1.2 METODOLOGIA

Com o intuito de construir esta pesquisa da forma mais rigorosa possível, foi necessária a utilização de diversos procedimentos, cuja execução foi feita por etapas, para que o processo de desenvolvimento da pesquisa possibilitasse combinar o debate teórico com a pesquisa de campo.

Na primeira etapa da pesquisa, buscou-se dialogar com uma ampla bibliografia, por meio de livros, bem como plataformas como Google Acadêmico, Scielo e também em anais de eventos científicos, além de dissertações e teses, da área de Geografia particularmente, que abordem o processo de urbanização do campo e as mudanças decorrentes, evidenciando o papel dos jovens do campo dentro dessas transformações. Em seguida, aprofundamos o diálogo e o estudo sobre a noção de direito à cidade de Lefebvre (2016), como um direito ao modo de vida conectando-o com os movimentos que têm ocorrido no campo. Engloba-se o estudo dos fenômenos e das práticas espaciais dos jovens, principalmente as relações estabelecidas pelos jovens do campo com a cidade, considerando o contexto em que eles estão inseridos e como o processo de urbanização influenciou seu modo de vida, sobretudo relacionando com o consumo e a sociabilidade. Pesquisas documentais também foram realizadas no Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM) com vistas à obtenção de informação sobre o processo de urbanização e modernização do campo na região.

Na segunda etapa, foram realizadas entrevistas com dez jovens do campo com idade de 18 a 25 anos, residentes no município de Chapecó, com o objetivo de identificar como ocorrem as relações de sociabilidade e de consumo desses jovens, mas, ao mesmo tempo, evidenciar a vida no campo com os benefícios e desafios que a urbanização proporciona. Para realizar a aproximação com os entrevistados, isso foi feito por intermédio de uma rede de contatos de conhecidos e indicações de forma que pudesse haver uma relação de confiança entre pesquisadora e entrevistados e, assim, fosse expressivo o número de concordâncias em participar da pesquisa. As entrevistas foram primeiramente gravadas, com a anuência dos entrevistados, posteriormente transcritas e, por fim, realizou-se uma análise de conteúdo para compreender melhor o relato dos entrevistados. A análise de conteúdo foi escolhida porque nos interessam os conteúdos das falas, na perspectiva do detalhamento que elas apresentam sobre os aspectos que nos concernem e não propriamente os discursos dos entrevistados. É relevante destacar que a pesquisa é qualitativa, ou seja, o interesse não está na quantidade de jovens entrevistados, de forma a se compor uma amostra do universo estatisticamente relevante, e sim

na qualidade dos conteúdos das respostas. De acordo com Góes et al (2019), a pesquisa de cunho qualitativo está preocupada com uma série de representações, bem como as observações de campo, as entrevistas, as conversas e as gravações com o objetivo de interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas atribuem para suas práticas e vivências. Para evitar identificar os jovens entrevistados, os fragmentos de seus depoimentos que se apresentam neste trabalho são acompanhados de nomes fictícios.

A terceira etapa correspondeu à elaboração de croquis que foram realizados com base na análise das entrevistas e buscam evidenciar as práticas espaciais desenvolvidas pelos jovens do campo residentes no município de Chapecó, abordando a habitação, o meio de transporte utilizado com mais frequência para a realização das atividades, bem como os locais de lazer, de trabalho, de educação, de consumo e, por fim, um perímetro de deslocamento dos jovens. Também foram solicitadas aos entrevistados fotografias que representassem o espaço em que se identificam no campo em suas propriedades, como uma forma de aproximação dos entrevistados e minimização das perdas, visto que as observações de campo não foram possíveis devido às restrições impostas pela pandemia de Covid-19 ainda e, curso no ano de 2021 no Brasil.

2. URBANIZAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DO CAMPO

A cidade antecede o processo de industrialização, porém é a partir desse processo que a cidade se torna lócus principal das atividades e da vida de maneira geral. Como afirma Lefebvre (2016), quando começa a industrialização em conjunto com o capitalismo concorrencial e a burguesia agora industrial assume o poder na sociedade, a cidade já tem uma poderosa realidade, fruto de histórias e geografias específicas (SOJA, 2008).

No entanto, na realidade brasileira, as cidades passam a desempenhar um papel de maior relevância a partir do século XVIII, em que assume papel fundamental nas relações sociais, econômicas e culturais, como afirma Santos (2020). “De modo geral, porém, é a partir do século XVIII que a urbanização se desenvolve e ‘a casa da cidade torna-se a residência mais importante do fazendeiro ou do senhor de engenho, que só vai à sua propriedade rural no momento do corte e da moenda da cana’” (BASTIDE apud SANTOS, 2020, p. 21).

De acordo com Santos (2020), a industrialização brasileira tem início no fim do século XIX e vai até a década de 1930. Contudo, já a partir de 1940 e 1950 o que se vê no Brasil é que passa a prevalecer uma lógica industrial que vai além das atividades industriais, tendo um processo mais complexo, com a formação de um mercado nacional, bem como os esforços para equipar e integrar o território. Também era necessário impulsionar o consumo das mais diversas formas, além da ativação da própria urbanização.

A urbanização, de maneira geral, sempre esteve especialmente relacionada ao conceito de progresso e de modernidade, sendo, portanto, antagônica à ideia de atraso que está tradicionalmente vinculada aos espaços rurais.

O processo de urbanização, nesse sentido, caracteriza-se pelo período em que a população da cidade cresce mais que o meio rural. Esses conceitos são essenciais para que possamos refletir sobre as características de um complexo processo histórico, que caracterizou a urbanização brasileira (FERREIRA, 2017, p. 108).

A modernização do país, iniciada, de acordo com Santos (2020), já no regime de Getúlio Vargas, proporcionou a concentração econômica e espacial e a rápida expansão da indústria nos grandes centros do país, que se situavam principalmente na faixa mais próxima ao litoral, passa a exigir mais mercados e, com a integração do Brasil através dos transportes e das necessidades advindas da industrialização, é que se torna possível a eclosão de importantes cidades no interior do país.

Nesse sentido, o processo de urbanização no oeste de Santa Catarina ocorre em concomitância com o avanço proporcionado para o interior do país, pois, para que essa integração e a urbanização fossem possíveis, como vimos anteriormente, era necessário trabalhar em conjunto com a industrialização, bem como desenvolver a infraestrutura, atuar em aspectos sociais, com o mercado nacional e internacional, mas também foi primordial articular e modernizar o campo, para que atendesse as demandas geradas pelo processo de industrialização e urbanização.

Nessa perspectiva, Chapecó desenvolve-se por diversos fatores históricos e geográficos que foram sendo construídos ao longo do século XX em decorrência da colonização e posteriormente da instalação das agroindústrias. Como afirma Alba e Santos (2002), o modo capitalista de produção tem como característica a indústria comandando a economia, ou seja, fazendo com que a agricultura sirva como recurso para a produção e, para tanto, a modernização – que consiste na utilização de máquinas, fertilizantes, insumos e, para além disso, a integração dos agricultores às agroindústrias – implica em uma nova relação entre a agricultura e o mercado, acarretando na seleção dos agricultores que não conseguem competir.

A urbanização do espaço rural teve início com a reestruturação que levou à expulsão de população, o chamado êxodo rural, mas impactou no sentido também de alteração do modo de vida das pessoas que permanecem morando no espaço rural, pois, com a criação das agroindústrias, muitos agricultores migraram para a cidade em busca de emprego e os que permaneceram no campo, em sua maioria, tiveram que se integrar a essa nova reestruturação também impulsionada pelas agroindústrias. De acordo com Alba et al (2015), esse processo de inversão populacional rural-urbana no oeste catarinense ocorreu principalmente entre as décadas de 1970 e 1980, logo, uma década em atraso em relação ao país como um todo. Chapecó, por exemplo, na década de 1980 já tinha sua população urbana maior que a rural.

Ao longo das décadas de 1970 e 1980, associado ao crescimento econômico e à consolidação dos frigoríficos, houve também um considerável incremento populacional em Chapecó, passando de 49.865 para 83.765 habitantes, sendo que a população urbana no período quase triplicou, acompanhando o processo de urbanização brasileira. Em 1970, 59% dos moradores chapecoenses estavam no campo, ao passo que em 1980 essa porcentagem baixou para 34%. Desde então, a população urbana só tem crescido, chegando a mais de 90% já na década de 2000 (MATIELLO et al. 2016, p. 267-268).

Todavia, é primordial salientar que, de acordo com Souza (2020), a cidade, mesmo sediando empresas e sendo um centro de gestão do território, não se resume à economia, não é um local em que se produzem somente bens e serviços, ela vai muito além, desempenhando um

papel crucial na produção da sociedade, através, por exemplo, da cultura que projeta a sua importância para fora da cidade.

Nessa construção de um modo de vida urbano, o direito à cidade é apropriado de diversas maneiras e por diferentes segmentos da sociedade, mas, nesta pesquisa, será abordado através do filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre, que entende o direito à cidade como a síntese dos direitos às condições de vida, à educação, à saúde, ao descanso, à habitação, ao trabalho, à cultura, ao lazer; enfim, direitos que não se limitam à própria cidade, mas ultrapassam-na. Como afirma Harvey (2014), o direito à cidade refere-se muito mais a um direito coletivo que propriamente individual e que está diretamente relacionado com o tipo de pessoas que queremos ser e quais relações sociais buscamos ou, em outras palavras, qual é a sociedade que buscamos construir.

Em contraponto a essas desigualdades, o direito à cidade aqui proposto é, de certa forma, a reivindicação de que todas as pessoas que ajudaram a construir a cidade possam usufruir dos benefícios que nela existem. “O direito à cidade é, e não poderia deixar de ser, um direito revolucionário, ou seja, uma proposta a ser perseguida como ideal utópico para a construção de uma sociedade diferente e necessariamente melhor que esta da qual fazemos parte” (CATALÃO, MAGRINI, 2017, p. 126).

2.1 O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DO CAMPO E AS MUDANÇAS SOCIOCULTURAIS

As transformações ocorridas no campo nos últimos anos evidenciam, cada vez mais, a constituição de uma agricultura capitalista, mas essas mudanças não estão somente relacionadas à produção agrícola, pois ela se estende também para o modo de se viver no campo. O processo de urbanização ultrapassou os limites da cidade e passou a influenciar diretamente na formação cultural e social dos moradores do campo. De acordo com Ramos (2020), as mudanças na feição do campo e de seus sistemas técnicos vão além de uma nova paisagem, passam por uma transformação na organização produtiva com um crescente grau de sofisticação e complexidade organizativa, que reflete o grau de inserção de determinadas áreas em uma economia globalizada. Para manter os níveis de rendimento desejados, é preciso elevar a produtividade, adotando novas tecnologias.

Como já apontamos acima, essa expansão da fronteira continua a avançar no território, produzindo o campo da agricultura capitalista modernizada e a cidade que é a

centralidade necessária para esse avanço. Esse avanço é, portanto, o avanço necessário da urbanização do território, não somente pelo fato de se produzir cidades, mas pela constituição de um modo de vida próprio da temporalidade urbana (PADUA, 2017, p. 56).

As desigualdades socioespaciais são a essência do capitalismo, que também produz a urbanização, visto que os espaços são segmentados tanto econômica quanto socialmente pelas classes dominantes, que, utilizando-se de seu poder econômico para definir os espaços sociais de acordo com seus interesses, estabelecem perante toda a sociedade os seus valores, a sua cultura e seus padrões. Soja (2014) discute, a partir dos trabalhos de Lefebvre (1999, 2016), que, na “sociedade burocrática de consumo dirigido”, a urbanização e as políticas sociais influenciam e atingem não somente as pessoas que vivem na cidade, mas em todas as partes, pois são impactadas pelo poder do Estado e do mercado. Bem como atesta Harvey (2014), o espaço rural está sendo urbanizado à medida que o campesinato rural é desapropriado pela industrialização e comercialização da agricultura, através de uma abordagem capitalista e produtivista.

A urbanização e a industrialização acentuaram as desigualdades tanto na cidade como no campo. Padrões sociais e econômicos impostos proporcionaram uma nítida diferença entre os que possuem dinheiro e status e os que estão à margem. A vida no campo está associada diretamente com a economia urbana, pois o avanço da industrialização e da urbanização trouxe para o campo o desenvolvimento (de tipo capitalista) e, junto com este, a dominação econômica e da vida social dos habitantes. Portanto, partiremos da escala de análise da urbanização no espaço rural, no sentido das transformações urbanas que se estenderam até o campo, sem, porém, significar a destruição desse espaço.

Tentamos trabalhar com uma visão de urbanização que ultrapasse a dimensão física do processo (expansão da área construída) e incorpore as dimensões ideológica e cultural. Valores, atitudes e padrões de comportamento são modificados, principalmente, a partir das cidades, e espalham-se pelo território num movimento, simultaneamente, extensivo e intensivo como uma nova fronteira para o capitalismo onde se combinam, desigualmente, em cada localidade, o rural e o urbano (RUA, 2005, p. 56).

No oeste de Santa Catarina, as mudanças no modo de produção e no modo de vida estão interligadas às imposições da modernização e do capitalismo. Essas mudanças se intensificam a partir da metade do século XX, com a introdução da mecanização, o melhoramento genético de animais e plantas, a possibilidade de profissionalização dos agricultores, entre outros aspectos. De acordo com Lohn (1997, p. 17), houve uma “expansão capitalista na agricultura

ocorrida logo após a Segunda Guerra Mundial, momento em que foi institucionalizada definitivamente a ‘necessidade’ de superar o ‘atraso’ de grande parte da sociedade”.

Esse meio técnico-científico (melhor será chamá-lo de meio técnico-científico-informacional) é marcado pela presença da ciência e da técnica nos processos de remodelação do território essenciais às produções hegemônicas, que necessitam desse novo meio geográfico para a sua realização. A informação, em todas as suas formas, é o melhor motor fundamental do processo social e o território é, também, equipado para facilitar a sua circulação (SANTOS, 2020, p. 38).

Nessa perspectiva, o surgimento das agroindústrias e das mudanças na forma de produção são uma forma de aprofundar o processo de modernização do campo, do mesmo modo que a tecnologia foi se inserindo nas propriedades de inúmeras proporções, afetando diretamente na organização das propriedades, que passam a voltar-se em atender as demandas do capital, através das agroindústrias, uma vez que, ainda de acordo com Santos (2020), o meio técnico é a substituição do meio natural.

A modernização da agricultura impõe processos de diferenciação na matriz social de ocupação do espaço rural da região e impõem novas práticas espaciais. Esse processo está relacionado às transformações das bases técnicas da produção agrícola em direção à incorporação de inovações técnicas, novas bases energéticas, emprego de maquinários agrícolas e insumos industriais, novos métodos e técnicas em meio aos processos produtivos, etc. Do mesmo modo, se expressa através de mudanças na organização social da produção, ou seja, da introdução de novos conteúdos sociais por meio do aprofundamento das relações capitalistas no campo (KOZENIESKI, 2021, p. 114-115).

A modernização não trouxe como consequência somente o desmatamento, mas sim a diminuição significativa da policultura, para ascensão da monocultura, a vasta utilização de mecanismos como defensivos agrícolas, insumos, sementes geneticamente modificadas, maquinário agrícola e outros inúmeros produtos que possibilitam perceber que a agricultura tem se reestruturado e incorporado ao meio técnico-científico-informacional.

O aumento da mecanização e a utilização das máquinas agrícolas modificam o espaço e as formas de produção. As agroindústrias para obterem êxito necessitam do crescimento da produção de matéria-prima utilizadas na criação de suinocultura e avicultura, por exemplo, modificando as relações do campo e da cidade, ou seja, com a ampliação da produção no campo ocorre o aumento de empregos na cidade.

Última região a ser colonizada, o Oeste de Santa Catarina é uma das regiões mais dinâmicas economicamente no Brasil, com destaque para a área agroindustrial, referência nacional no setor, devido à origem de grandes grupos de capital local

(Sadia, Perdigão, Aurora, Seara). Esta atividade atua nos ramos de carnes (aves, suínos), grãos (trigo, soja, milho), fumo e laticínios (SOUZA; BASTOS, 2011, p. 11).

Pode-se observar que as propriedades agrícolas da região têm sido padronizadas pelas mudanças econômicas e infraestruturais, mas também acompanhou uma mudança cultural, em que a maioria das propriedades foram sendo organizadas para manter a produção capitalista do cultivo de soja e milho, que estão relacionados à alimentação de suínos, aves ou a produção de leite, ligados às agroindústrias que foram se instalando nessa região.

A região caracteriza-se por sua forte indústria agroalimentar, alicerçada historicamente em unidades familiares de produção, tendo constituído, em apenas em cinco décadas, o maior pólo agroindustrial de aves e suínos do país (EPAGRI, 2001, p. 32).

Essa adequação dos agricultores surge em paralelo com a mecanização agrícola, para afirmar a produtividade em grande escala, para a qual foi necessária essa mudança na organização da propriedade, bem como a inserção de uma nova cultura para os agricultores como forma de garantir que o novo modelo de produção capitalista de agricultura se tornasse difundido por todo o território. Desta forma o extensionismo rural foi utilizado como forma de propagação das novas tecnologias para consolidar uma nova cultura de progresso.

O extensionismo rural baseou grande parte de seu projeto de constituição de novos sujeitos sociais no campo, sobre a noção de que as mudanças culturais pretendidas para efetivar a modernização decorreriam da difusão de tecnologias agrícolas (LOHN, 1997, p. 150).

O projeto de extensionismo rural foi um dos principais mecanismos utilizados pelo Estado para beneficiar o capital, através da implementação dessa nova maneira de fazer agricultura, no qual traz como consequência a total dependência do mercado, deixando de cultivar diversos alimentos, passando os agricultores a cultivar somente um tipo de produto agrícola ou então produtos que possuem uma alta produtividade, mas, ao mesmo tempo, legitimam essa dependência, pois carecem de insumos, defensivos ou demandam de integração às agroindústrias e laticínios.

Outro método utilizado para legitimar essa política de desenvolvimento foi a utilização dos meios de comunicação da época de maneira intensa, através de um marketing pontuado em difundir os equipamentos e máquinas agrícolas, idealizando uma percepção futurista, superando o modelo existente (Figuras 1 e 2).

Figura 1 – Propaganda de tratores para a venda em Chapecó na década de 1960

AGORA *Tobatta* **É A SOLUÇÃO**

VELHA FORÇA O SR. TAMBÉM APROVARÁ TOBATT

1. Cada litro do preço de um trator grande... e mesmo assim é financiado!

2. Economiza o tempo e dinheiro do trato com antiguidade, peças de troca, e muita outra coisa!

3. Faz todos os serviços e prepara, economizando 1/3 de a hora, mesmo em trabalhos alongados ou muito trabalhos.

CONSUMO: 1 LT. DE OLEO DIESEL POR HORA

Exposição, completos detalhes e vendas:

ANTONIO SPERANDIO & CIA. - Avenida Getúlio Vargas - Chapecó

OS SEGUINTES IMPLEMENTOS:

Carreta - Rospadora - Capinadora - Roda motobomba - Roda auxiliar - Roda cônica para braço - Roda tração - Rolo - Sulcador - Enxada para expansão - Pulverizador e tanque.

Fonte: Jornal Folha do Oeste, 1966 (Arquivo CEOM).

Figura 2 – Venda de tratores em Chapecó na década de 1950

FARMALL...

O Trator para todos os fins

Há 10 modelos diferentes de tratores Farmall, cada um com as suas máquinas especializadas que têm aplicação tanto em pequenos sítios, como em fazendas e grandes propriedades rurais. De há muito estes tratores vêm revolucionando a agricultura, ajudando os fazendeiros a aumentar a sua produção, ocupando menor número de colonos e com menores despesas. Na mecanização de uma lavoura, o capital invertido na compra de um conjunto Farmall terá juros elevados na forma de maior extensão cultivada e alta produção por hectare. Peça-nos informações sem compromisso sobre a linha de tratores Farmall.

* Farmall é um produto International Harvester.

Fonte: Jornal A Voz de Chapecó, 1950 (Arquivo CEOM).

Por meio dos recortes de jornais da época, é possível perceber a difusão da ideia de revolução na agricultura com o uso de tratores, os quais aumentariam a produção em menor

tempo, reduziriam a mão de obra e teriam menores custos, enfatizando trata-se de uma solução dos problemas. A criação de empresas voltadas à melhoria de sementes e da produtividade dos animais surge no mesmo sentido de disseminação dos novos mecanismos de produção, contribuindo com a ascensão da monocultura.

Nos anos 1970, a expansão da urbanização por todo o território brasileiro, integrando os diversos espaços regionais, indo além das metrópoles, afetou as cidades médias e pequenas, isto é, uma urbanização que foi para além das cidades, que carregava consigo condições urbano-industriais (MONTE-MÓR, 2006). As consequências geradas modificam a vida no campo e trazem elementos significativos. Os jovens, por sua vez, buscam se integrar a essas mudanças, mas isso não ocorre pacificamente, pois as condições econômicas e de trabalho não proporcionam automaticamente os benefícios esperados.

As transformações ocorridas no campo surgiram em paralelo com as inovações tecnológicas. Para garantir o rendimento em grande escala, foi necessário mecanizar a produção agrícola, mas também garantir que mudasse culturalmente a organização das propriedades e conseqüentemente o modelo de produção. Na região de Chapecó, esse processo ocorreu em grande escala e a criação e o crescimento das agroindústrias proporcionaram a integração das propriedades nesse modelo de produção, alterando o modo de vida do campo para um modo de vida mais urbano.

As mudanças culturais ocorridas na região e no campo, de maneira geral, vão além da integração das propriedades às agroindústrias e a tendência ao cultivo de monoculturas, a região passou a seguir o ritmo imposto pelas indústrias, até mesmo no campo, pois, antes da integração, as pessoas seguiam o ritmo do sol, logo, construía o seu próprio ritmo, mas hoje vemos a produção cronometrada, com os agricultores passando a trabalhar à noite, nos fins de semana e em uma condição pior que os trabalhadores da cidade, pois não possuem direitos trabalhistas.

Em entrevista com os jovens sobre os desafios de morar no campo, principalmente aqueles que não apenas residem no campo, mas também trabalham e tiram dali o seu sustento e de suas famílias, é possível perceber como o trabalho no campo nesse modelo de produção restringe os jovens, de certa maneira, a realizar algumas atividades, principalmente relacionadas a lazer e a sociabilidade. Vejamos seus próprios depoimentos:

Seria mais essa parte de horários, final de semana e os da cidade: chegou 6 horas eles estão livres do serviço, né? A gente não, a gente tem que continuar até terminar e não terminou até meio-dia e vai de tarde; não terminou, vai de noite; precisou ficar até

tarde e volta de manhã, acho que o desafio assim seria mais questão de horário, de final de semana que a gente não teria uma coisa especificada. (Pedro, 27 anos)

Eu acho que alguns desafios práticos, agora pensando enquanto você fazia a pergunta, tem um ponto de morar no campo que se eu pudesse mudar uma única coisa, assim se eu pudesse concertar um único ponto que me incomoda muito de viver no campo, é não ter um CEP. [...] Eu acho que, olha, no meu ponto de vista, seria esse e algum tipo também assim de privação por conta das atividades que são desenvolvidas no campo, né? Que daí é mais do que ser agricultor, então da vivência junto dos pais durante boa parte da vida, viajar de férias, ter dias de lazer, finais de semana de lazer, coisas que são quase impossíveis quando você pensa em propriedades de agricultura familiar, pelo menos dentro da experiência que eu tive a minha vida toda, né? Então isso sempre esteve em segundo plano ou em plano nenhum. Você se dedica às atividades e essa parte do lazer, enfim, meio que não é nem cogitado e as pessoas acabam se entregando para uma rotina de muito trabalho e de pouco descanso. (Angélica, 24 anos)

Desafios assim, querendo ou não, a rotina às vezes é mais pesada, tem trabalho, que nem o pessoal da cidade ali trabalha durante a semana, final de semana tem livre, já a gente aqui não é assim, se tem uma coisa que a gente tem que fazer todo o dia, vai chegar àquela hora ali e vai ter que fazer, entende? Às vezes tem semana que a gente trabalha direto, meses que a gente trabalha direto, é um pouco diferente. (Rafael, 21 anos)

Considerando as falas dos entrevistados, podemos perscrutar que a interação social e o lazer dos jovens do campo estão aquém de suas perspectivas. Percebe-se que, apesar da modernização dos meios de produção e da melhoria econômica dos jovens, seus anseios e ideais são abortados pelo acúmulo de trabalho e obrigações diárias. Mas isso não acontece sem carregar contradições.

Comparar as dificuldades da vida rural com as facilidades da vida urbana é um exercício fácil, mas nem sempre verdadeiro. A comparação entre o modo de vida urbano e o rural, frequentemente, influi os jovens a considerar a agricultura mais negativa que positiva. Entre os aspectos negativos indicados pelos jovens, destacam-se a ausência de férias, fins de semana livres e horários regulares de trabalho. Ademais, a atividade agrícola é considerada árdua, penosa e difícil, submete os trabalhadores ao calor, ao frio e a posições de trabalho pouco confortáveis, e mais, os rendimentos são baixos, irregulares e aleatórios. Por sua vez, um aspecto positivo do trabalho como agricultor familiar, sempre assinalado em diferentes estudos e pesquisas sobre a agricultura familiar, está na relativa autonomia do agricultor, que não depende de um patrão (FERREIRA; ALVES, 2009, p. 250).

Contudo é necessário considerar que essa mudança sociocultural por que o campo vem passando não significa uma exclusão total das práticas camponesas de agricultura e de conexão com a natureza, visto que os próprios entrevistados reconhecem a integração, por exemplo, com as agroindústrias de Chapecó, mas, ao mesmo tempo, relatam as práticas de cultivos de hortaliças, de árvores frutíferas e de uma alimentação com produtos em sua maioria produzidos na própria propriedade, evidencia que mesmo com essas mudanças socioculturais que vieram com a mecanização produtiva, integração, entre outras, ainda as práticas de cultivo de alimentos

e de contato com a natureza não desapareceram. Sobre o ponto em questão, quando questionado aos jovens sobre os produtos que costumavam comprar no supermercado, todos elencaram alimentos que não compravam em mercados, por exemplo:

É mais a farinha, né? De trigo, a gente produz a de milho mais de trigo a gente ainda não tem, açúcar, a gente produz o amarelo, mas nem sempre tem, aquela... falta, acaba indo pegar o açúcar branco, fermento, essas coisas assim. [...] Saladas, arroz, essas coisas tudo gente tem aqui, né? (Sophia, 25 anos)

Produtos complementares, né? Porque feijão, legumes, essas coisas, a gente produz aqui, então eu diria que farinha, a gente comprar farinha, arroz, açúcar, essas coisas que não tem a possibilidade de produzir no campo, né? E algumas outras coisas pra comer durante o mês. [...] Isso a gente produz aqui: frutas, hortaliças, essas coisas mais perecíveis, carne também a gente não costuma comprar. (Simone, 20 anos)

Sim que é o que mais é comprado assim seriam produtos de higiene pessoal e limpeza, porque questão de carne e farinha, assim no caso que a gente não tem como produzir, mas a maioria, carne, arroz, feijão hortaliças, a maioria das coisas a gente produz aqui. (Pedro, 27 anos)

Depende a época do ano, porque fruta agora a gente tem, questão de banana, bergamota, laranja, pocã, essas frutas a gente tem, mas tem época que a gente compra alguma coisa também, mas bem pouco, e hortaliça não daí, a gente tem aqui, a gente planta aqui, a gente pega na cooperativa muda e daí a gente planta aqui, e faz todo o procedimento para colher na horta, né? [...] Tem, só para o gasto, daí a gente tem, frango também e boi também. (Bruno, 24 anos)

A partir dos relatos, percebem-se as relações com a agricultura de subsistência presente nas propriedades e a possibilidade de se ter uma conexão entre a modernização da agricultura e, ao mesmo tempo, mantêm-se as raízes do campesinato; e ambas coabitam. Através das fotografias encaminhadas pelos entrevistados, isso fica mais evidente (Fotografias 1 a 7).

Na Fotografia 1, encaminhada pela Maria e a partir do seu relato, é possível entender que a propriedade possui a criação de alguns animais e a produção da sua família é composta por hortaliças, mandioca, feijão para o consumo próprio da família de forma saudável. Enquanto a família da Sophia possui um espaço de feira, ao qual as pessoas vêm para comprar os produtos orgânicos da propriedade, oferece também terapias naturais. De acordo com Sophia, o lugar chama-se Pachamama, que se pode visualizar na Fotografia 2. São propriedades que não estão ligadas às agroindústrias e sim à agricultura de subsistência e ao campesinato, porém não significa dizer que elas não têm algumas influências da urbanização, como veremos mais adiante, pois existem outros mecanismos, na vida cotidiana, que não são somente ligados à produção e modernização da agricultura.

Fotografia 1 – Representação da Maria (21 anos) da sua propriedade



Fonte: Maria, 2021.

Fotografia 2 – Representação da Sophia (25 anos) da sua propriedade



Fonte: Sophia, 2021.

Fotografia 3 – Representação da Clara (19 anos) da sua propriedade



Fonte: Clara, 2021.

A partir do relato de Clara e da Fotografia 3 encaminhada por ela, pode-se perceber que as representações de sua propriedade estão intimamente ligadas à produção de produtos para o consumo da sua família e de produtos que remetem a uma agricultura de subsistência. É pertinente analisar que as propriedades em que a agricultura é de subsistência, exceto na família de Sophia, cuja produção é comercializada, os outros entrevistados têm esse modo de produção, mas também relataram ter outra renda, por exemplo, aposentadoria ou então há membros da família que trabalham na cidade.

Nessa perspectiva, percebe-se uma alteração da paisagem bem como da produção, nas Fotografia 4, 5, 6 e 7, que são propriedades integradas a agroindústrias e laticínios ou então à produção de *commodities*, que, como visto anteriormente, estão diretamente associadas às transformações ocorridas no campo enquanto modelo de produção. Diferente das propriedades de outros entrevistados, eles têm como fonte de renda principal essa produção que é realizada na propriedade.

Fotografia 4 – Representação do Rafael (21 anos) da sua propriedade



Fonte: Rafael, 2021.

Também é possível perceber o padrão das construções que são necessárias para atender esse modelo de produção. Porém, as mudanças no modo de vida do campo, para além da transformação da paisagem e do modelo de produção, não estão explicitas nessas imagens; só é possível compreendê-las quando se analisam outras particularidades que estão relacionadas à complementaridade campo-cidade, que será aprofundada mais adiante.

Fotografia 5 – Representação do Pedro (27 anos) da sua propriedade



Fonte: Pedro, 2021 (extraída do Google Maps).

Fotografia 6 – Representação do Bruno (24 anos) da sua propriedade



Fonte: Bruno, 2021.

Fotografia 7 – Representação do Vitor (19 anos) da sua propriedade



Fonte: Vitor, 2021.

Ao mesmo tempo em que existe uma relação direta com a cidade, percebe-se, por meio das entrevistas, que ainda os agricultores procuram produzir alimentos ligados à agricultura de autoconsumo, deixando evidente a interligação campo-cidade e a tentativa de manter as raízes

camponesas, do mesmo modo que buscam as vantagens oferecidas pela cidade e, por conseguinte, pelo modo de vida urbano, como será discutido em mais detalhes no próximo capítulo.

3. JUVENTUDE DO CAMPO: SUJEITOS DE DIREITOS

Pensar sobre juventude é um desafio, ainda mais quando relacionado às práticas espaciais dos jovens e a sua busca pelo direito à cidade, bem como os vínculos estabelecidos com o modo de vida urbano hoje difundido na cultura juvenil, mas indo muito além do espaço da cidade, chegando até os jovens do campo. Esse vínculo entre os jovens do campo e a urbanização é o principal eixo desta pesquisa, portanto, além de compreender o processo de urbanização brasileira e como ela se estendeu até o campo, da mesma forma é indispensável conceber de que jovem estamos tratando.

De acordo com o sociólogo Groppo (2016), as teorias tradicionais evidenciam a juventude como grupo etário bem definido, como transição para a vida adulta, e que sua socialização se dá por meio da ação das gerações mais velhas. Porém, nesta proposta de pesquisa, iremos nos apoiar nas teorias pós-críticas de juventude, que romperam com as concepções tradicionais. No âmbito dessas teorias, a juventude, destacando-se como sujeito social e pelos seus diferentes modos de se viver, leva em consideração a classe social, o gênero e outros aspectos. Como bem apontado por Castro (2016), há o reconhecimento da juventude como sujeitos de direitos.

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta (DAYARELL, 2003, p. 42).

A juventude, em sua essência, tem por característica a busca pela transformação, pelo novo e, nessa dinâmica social da dominação capitalista, os jovens do campo¹ acabam sendo atraídos por essa cultura urbano-industrial, buscando se integrar na sociedade, muitas vezes sem perceber seu envolvimento com os interesses econômicos da burguesia. Para Silva (2019), a juventude tradicionalmente anseia e estimula as mudanças sociais e, na sociedade contemporânea, desempenha papel-chave nas relações de consumo e com a mídia, reconfigurando identidades. Para além das necessidades básicas como emprego e formação

¹ Não há muita concordância entre os autores sobre as expressões juventude rural e juventude do campo. Alguns, como Silva (2002), Wanderley (2007), Puntel, Paiva e Ramos (2011), utilizam a expressão juventude rural sem, contudo, oferecer conceituação satisfatória. Em razão disso, neste trabalho, será utilizada a expressão juventude do campo, de acordo com formulação de Castro no Dicionário de Educação do Campo (2012).

acadêmica, os jovens desejam estar conectados e consumir. Com os jovens do campo não é diferente, pois eles têm também esses anseios e desejos.

Os jovens rurais, assim como a sociedade camponesa, historicamente estiveram à margem da sociedade. O desenvolvimento dos países, de forma geral, acontece com foco na cidade, na urbanização. Ser jovem [...] envolve a busca por visibilidade, ser jovem e rural envolve um esforço ainda maior para ter espaços de fala (SILVA, 2019, p. 13).

De acordo com Ferreira e Alves (2009, p. 245): “No Brasil, as diferenças regionais, explicitadas em padrões socioeconômicos e culturais particulares, configuram um quadro complexo em que a condição de ser jovem assume características e desdobramentos diferenciados”. Quando questionados os entrevistados sobre o que é ser jovem, as respostas são diversas, porém elas transitam sobre esse sentimento de estar em movimento, de estar em busca de suas próprias conquistas, em uma fase de amadurecimento, mas também de pertencimento, de conquistas que visam ao futuro. No caso da Maria, ela apresenta a cidade como um horizonte de possibilidades, que não pode mais ser desvinculado das suas práticas espaciais e da suas relações enquanto jovem.

Ser jovem? Olha, deixa eu pensar. Eh, assim, não posso rotular que ser jovem é ter mais energia porque acho que vai de pessoa para pessoa, mas para mim ser jovem é ter mais disposição para fazer as coisas, eh, ah, não sei, assim, acho que seria isso. (Sophia, 25 anos)

Ser jovem... Acho que ser jovem é ter disposição, é querer conhecer o mundo, querer ser mais, né? Eu falo para mim, eu falei, eu sendo uma pessoa jovem: querer sempre ser mais, desbravar as coisas, conhecer as coisas, ser ativo ali na comunidade, **na cidade**, pode fazer alguma coisa que ajuda. (Maria, 21 anos, grifo nosso)

Seria correr atrás de coisas de que gosta, como eu poderia dizer do seu futuro, né? Não ficar dependendo dos outros. Acho que seria mais ou menos assim, isso. (Pedro, 27anos)

Ai, jovem eu acho que é uma fase, né? Todo mundo que não passou vai passar, então é uma fase de descoberta digamos assim, de decisões também, dúvidas ao que que eu vou ser, por exemplo, uma pergunta que eu sempre me faço é: o que será que eu vou ser depois de conseguir me formar? O que será que eu vou estar fazendo depois? E jovem também eu acho que aproveita mais o agora. (Sabrina, 20 anos)

Ser jovem pra mim? Ser jovem eu acho que é você aproveitar a vida talvez com um pouco menos de responsabilidade, de peso, porque você ainda pode ter essa liberdade de fazer as coisas, que adultos às vezes não podem fazer, porque tem aquilo de ser mais responsável, de ser mais maduro, então acho que ser jovem é você ir tendo as experiências para adquirir essa maturidade que você não tem ainda. Então, através dessas experiências, você vai se tornando adulto, então a partir do momento que você é jovem você pode fazer umas coisas ou ter algumas experiências que quando você

for adulto você não vai mais poder ter, porque você já tem outras visões, já tem outras situações para enfrentar, né? (Simone, 20 anos)

Percebe-se, na fala dos entrevistados, que ser jovem, ao mesmo tempo em que buscam momentos de liberdade e desafios, também significa que refletem sobre o futuro de suas vidas, confundindo-se entre a liberdade e as responsabilidades. A sociedade, por sua vez, usa o termo juventude para justificar suas políticas ora inclusivas, ora excludentes conforme a conveniência no momento. Stropasolas (2005, p. 12) afirma que “[...] o jovem é o personagem sobre o qual a sociedade deposita suas crenças, suas esperanças futuras, o elemento de renovação, mas ao mesmo tempo representa uma ameaça”.

Juventude, de acordo com Troian e Breitenbach (2018), pode significar diferentes modos de ser, pois é plural e heterogênea, quando analisada como um conjunto social com características que diferenciam os jovens uns dos outros e, nesse sentido, para muitos, juventude é uma categoria socialmente destacada, uma fase de transição e de mudanças, uma passagem para a vida adulta, um momento no qual se vive de forma intensa um conjunto de transformações.

Nessa perspectiva, é crucial pensar em juventude como uma dinâmica construção histórica, mas também social, cultural e geográfica, no entanto sem critérios rígidos, pois as realidades são diversas, principalmente quando pensamos em juventude do campo, em que o contexto socioespacial é muito próprio em relação aos jovens da cidade, mas muito heterogêneo quando ponderado em relação a todos os jovens do campo. É irrefutável, quando analisadas as entrevistas dos jovens na íntegra, como os aspectos se cruzam ao mesmo tempo que diferem em suas particularidades.

Os jovens estão indo embora! Essa expressão sintetiza uma imagem do jovem do campo no Brasil. A juventude do campo é constantemente associada ao problema da “migração do campo para a cidade”. Contudo, “ficar” ou “sair” do meio rural envolve múltiplas questões em que a categoria jovem é construída e seus significados, disputados. A própria imagem de um jovem desinteressado pelo campo contribui para a invisibilidade da categoria como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais (CASTRO, 2012, p. 441).

A saída ou permanência dos jovens do campo é um dos pontos que vêm sendo debatidos na atualidade, porém a complexidade do ponto em questão é inegável, visto que deve ser tratada com muito cuidado para não contribuir com essa invisibilidade ou com reiteração de estereótipos.

Nesse sentido, buscou-se entender essa percepção de ficar ou sair para os jovens que até o momento decidiram permanecer no campo, da mesma maneira que todos eles, em algum momento, também pensaram sobre os motivos que levaram a sua permanência no campo. Para tanto, os relatos são diversos e muito particulares, mas com uma essência semelhante:

Eu acho que eu me criei aqui, né? E a gente acaba gostando do que a gente faz e se acostuma com isso, então eu decidi ficar. (Rafael, 21anos)

Sim, um dos motivos é porque aqui eu consigo me inserir no mercado de trabalho, no caso trabalhando na propriedade, consigo ter a minha fonte de renda, consigo ajudar no negócio da família, no caso é lavoura e a propriedade de leite, então até que eu estou fazendo agronomia é para se algum dia eu ficar, tocar a propriedade, se der certo, eu possa continuar na atividade. (Vitor, 19 anos)

Eu acho também que, por exemplo, eu sou eu e a minha irmã, minha irmã mais velha, ela não mora mais com a gente, ela já construiu empresa própria e tal e meus pais assim sempre me ajudaram em tudo, então eu me senti na obrigação de ficar aqui com eles, de ajudar, de cuidar do que é nosso, né? Mesmo eu trabalhando fora daqui, sempre tem alguma relação, né? Por exemplo, a parte financeira de controlar sou eu que faço, né? (Sabrina, 20 anos)

Na verdade, quando que fiz faculdade, eu acho assim que eu ainda, eu prestei vestibular com 16 anos, né? Eu devo dizer que eu não tinha muita visão de possibilidade de estudar fora. Eu meio que limitei as opções e também os meus pais não tinham esse olhar da possibilidade de cursar um curso em uma federal. De morar fora, né? Então foi meio que por comodidade, né? Aí eu estou aqui no faxinal, que é pertinho da UNOCHAPECÓ, então vou fazer curso na UNOCHAPECÓ e daí o meu perfil durante a graduação também foi um perfil voltado para a pesquisa, então eu fui bolsista e a minha bolsa não me permitia, por exemplo, morar fora, não cobria os gastos de uma vida com autonomia, então eu acabei ficando e depois começado, a mesma coisa e agora assim eu até eu tenho plano, né? De consegui me firmar um pouquinho na profissão, enfim, fazer um pé de meia, viver um pouco na cidade de aluguel, digamos assim, mas, depois, quando tiver uma certa estabilidade, conseguir voltar para o interior. Então eu acho que, em algum momento, vai ter esse intervalo de viver fora para juntar dinheiro para ter economias, mas para depois também voltar, porque é como eu te falei, né? Muito acostumada com a vida no campo e muito acostumada a viver solta. (Angélica, 24 anos)

Eu acho que a gente não sentiu essa necessidade porque a gente mora próximo até da cidade, não é tão longe, a gente tá... a gente consegue ir e voltar todo dia, então acho que a gente não sentiu necessidade, eu também queria continuar morando com meus pais, então acho que nessa parte a gente não sentiu necessidade, claro que se fosse em outra cidade e tudo mais, acho que seria diferente, mas como eu estou estudando aqui mesmo em Chapecó, a gente optou por ficar morando junto com meus pais. (Clara, 19 anos)

Em vista disso, as complexidades e o contexto do município de Chapecó devem ser consideradas, pois não é o mesmo processo de outras regiões do país. Como vimos anteriormente, o processo de urbanização sofrido pela cidade e pelo campo em Chapecó possibilitou uma aproximação entre ambos, então é possível estar no campo tanto enquanto

residência, mas também em alguns casos para trabalho e estudar em uma universidade, mesmo com desafios e, em muitas ocasiões, tendo que trabalhar e estudar, como apontando pelos entrevistados.

Assim, “ficar ou sair” do campo é mais complexo do que a leitura da atração pela cidade e nos remete à análise de juventude como uma categoria social-chave pressionada pelas mudanças e crises da realidade no campo, e para a qual a educação do campo tornou-se uma questão estratégica (CASTRO, 2012. p. 442).

Nessa perspectiva, devemos considerar que os jovens entrevistados em sua totalidade estão cursando ou já concluíram cursos de graduação e todos na cidade de Chapecó, demonstrando uma realidade que, por muitas vezes, não é a dos jovens do campo e, mesmo morando no campo e tendo acesso à universidade, alguns jovens compartilham da experiência descrita por Maria, que relata sua vontade de morar na cidade e que permanece no campo: “acho que dependência eu dependo muito dos meus pais; assim, eu não conseguiria me manter sozinha, manter uma casa sozinha, então dependo muito deles ainda; é o que me faz ainda mora aqui”.

Outro aspecto importante a ser considerado é que os jovens aqui situados são, na sua totalidade, filhos de agricultores familiares, ou seja, mesmo estando em alguns casos integrados às agroindústrias, não são propriamente grandes latifundiários. Isto posto, é substancial, para pensar na juventude como alicerce para dar continuidade à agricultura familiar, que esses jovens tenham a oportunidade de desenvolver seu trabalho nesse espaço e receber uma remuneração por ele, pois, ao mesmo tempo, eles estão sendo conduzidos pelo capital para servir de mão de obra, passando a ser uma categoria estratégica para a manutenção do campo e da agricultura familiar, quanto é para a produção capitalista.

A falta de garantia de renda permanente, ou seja, pensar no trabalho agrícola que viabilize a vida econômica além das safras anuais de produção e que seja administrada pelo próprio jovem. Mesmo nas cooperativas e associações são poucas as realidades que inserem a juventude no processo administrativo, no planejamento, no debate político e financeiro das entidades. Esse limite é imposto pelo avanço do modelo do agronegócio no campo e da falta de uma política estruturante por parte do Estado, por isso são fatores determinantes da saída de nossos jovens do campo para as grandes cidades (COLETIVO MST, 2019, p. 111-112).

Essa relação de ficar ou sair do campo de forma temporária ou definitiva é apontada por Stropasolas (2005) como um sistema variado de valores e uma relação ambígua com os dois mundos, e que resulta na elaboração de um novo sistema cultural e de novas identidades sociais que merecem ser investigadas.

Muitas vezes, os jovens pensam ou gostariam de permanecer na propriedade, porém, como afirma Castro (2005, p. 245), há “[...] forte valorização da formação escolar e mesmo o trabalho remunerado fora do lote, principalmente com salário fixo, o que, na maioria das vezes implica uma ocupação urbana”. Nesse sentido, muitos jovens procuram no ensino superior uma garantia de uma vida melhor que a que seus pais tiveram e uma identidade social.

Os jovens do campo vivem na dicotomia entre o presente e o futuro, visto que, ao mesmo tempo, em que buscam por espaços especificamente jovens, uma vez que já estão inseridos sob vários aspectos nessa cultura urbana, semelhante aos jovens da cidade, também valorizam o ambiente social e familiar em que estão inseridos; são traços que marcam os contextos em que eles vivem. Portanto, levando em consideração aspectos formativos, como a socialização com a família e a escolarização, da mesma maneira que é um preparativo para ter uma profissão, reforça essa preparação para a vida adulta (WANDERLEY, 2007).

A relação campo-cidade está sendo vivenciada intimamente pelos jovens do campo, mesmo com alguns obstáculos, já que existe um sentimento forte de ligação com os valores familiares, mas simultaneamente existe a lacuna na sucessão da propriedade, em virtude da incerteza em ter um futuro ou mesmo um emprego que possibilite permanecer no campo. O anseio do jovem do campo em viver os dois mundos (rural e urbano) é fortemente presente e, logo, não se pode mais estudá-los separadamente, pois, por um lado, as raízes e, por outro, as necessidades em serem aceitos no meio social são aspectos que importam. Como afirma Wanderley (2007, p. 33) “[...] poder vivenciar ‘o melhor dos dois mundos’ é, sem dúvidas, o desejo dos jovens”.

Dado que as fronteiras entre o rural e o urbano estão cada vez mais próximas, e diferentes universos culturais entrelaçam-se, as dificuldades inerentes à vida e ao trabalho no meio rural expõem novas perspectivas e dilemas para os que vivem da agricultura, especialmente os mais jovens (FERREIRA; ALVES, 2009, p. 245?).

Nessa sequência, foi de grande importância perscrutar os entrevistados para melhor compreender essa realidade vivenciada por eles, para além da literatura que nos serve como base e aporte teórico, mas necessita ser confrontada com a realidade. Para compreender essa relação de ficar ou sair do campo, foi indispensável questionar justamente sobre os desafios encontrados pelo fato de ser jovens e moradores do campo.

Eu acho que é muito do lugar de partida, você sai um passo atrás, né? Em algumas oportunidades, por exemplo, uma coisa que pra mim sempre foi um empecilho para mim, que hoje sinto muita falta é justamente a lacuna de não ter um segundo idioma, então foi uma impossibilidade de aprender na adolescência e na infância, por

limitações inúmeras como, por exemplo, a falta de transporte até a cidade, onde a gente pudesse aprender e aí, hoje em dia, muitas vezes você tem as portas fechadas por questões como essa, então você não consegue participar ou concorrer em oportunidades no exterior e eu acho que é isso... e ainda acho que não é nem pelo fato de ser do campo, eu acho que a educação pública em geral, aí a gente entra em um ponto delicado, né? Em que isso não é pensado. Não é pensado para haver competitividade com as camadas sociais que dependem da educação pública. (Angélica, 24 anos)

Olha, quando eu era mais nova, era mais difícil, assim, porque tipo os meus pais, eles sempre queriam que eu tivesse uma boa educação, né? Então o meu ensino fundamental eu fiz em uma escola agrícola aqui perto e até nesse processo não foi tão por que a maioria dos alunos eram colegas e conhecidos meus, mas depois, no ensino médio, no começo, eu tive que estudar no centro [da cidade], né? Devido a melhores condições, então lá as pessoas, às vezes: “ah, tu mora lá no interior e o que está fazendo aqui?” Né? “Por que que vem de lá para cá?” um pouco de *bullying* assim, mas eu nunca levava a sério, porque eu sei da importância de ter essa questão do estudo, né? (Sabrina, 20 anos)

Olha, de morar no campo eu acho que o único problema seria mais a locomoção de ir até um lugar, de ir até a universidade, porque querendo ou não é estrada de chão, aí pega às vezes 5 a 10 km dependendo o lugar de estrada de chão, então é um dos desafios e tem os desafios pessoais que daí se a gente precisa uma assistência de estudo, ou assistência médica, também a gente precisa se locomover uma distância longa porque a gente mora longe. (Vitor, 19 anos)

Eu vejo muito isso, essa diferença e uns desafios assim que o jovem do campo, eu acredito, que é um pouco da falta de incentivo para o jovem do campo, tanto na questão de estudar, porque eu vejo, quando eu ia para o IFSC, né? Era difícil a questão do transporte porque não tinha como, eu tinha que me virar, pegar carona com a minha família ou com alguém, então, na verdade, são vários desafios, mas eu acho que essa questão de locomoção para chegar até, para ir estudar e tudo mais, essas coisas assim, existe uma falta de incentivo também nessa parte, é basicamente isso. (Clara, 19 anos)

Por mais que o campo em Chapecó esteja, de certa forma, integrado em inúmeros aspectos com a cidade, mesmo assim os desafios não se findam, de forma geral, mas isso se apresenta com muito mais intensidade quando pensado em relação aos jovens, pois eles sentem essa necessidade de estudar, de trabalhar, porém simultaneamente desejam ter momentos de lazer, ter férias ou até mesmo ter esse contato e pertencimento à cultura urbana, que tem como centro irradiador a cidade.

Os desafios encontrados pelos jovens entrevistados vão muito de encontro com os seus objetivos e interesses, pois, como discutido por eles, quando se visa a uma carreira acadêmica, enfrentam-se desafios relacionados à locomoção, que está atrelada à distância, à falta de transporte público, a estradas precárias, entre outros. Porém um aspecto que, mesmo não estando explícito na fala deles, comparece é que a família representa um incentivo a continuar esse caminho do estudo, visto que os pais, no geral, não tiveram a oportunidade de estudar e buscaram contribuir para que o filho ou filha possa seguir um caminho diferente.

Nessa perspectiva, com as informações coletadas em um primeiro contato com os jovens e posteriormente nos relatos durante as entrevistas, foi feita a construção de um quadro com alguns dados sobre eles que ajudam a compreender melhor a realidade com a qual nos deparamos.

Quadro 1 – Síntese das informações coletadas sobre os jovens entrevistados

NOME	IDADE	TRABALHO	DADOS DOS ENTREVISTADOS		
			EDUCAÇÃO	COMUNIDADE/LINHA	RESIDÊNCIA
ANGÉLICA	24	TRABALHA COMO PROFESSORA UNIVERSITÁRIA E PESQUISADORA	FORMADA EM DIREITO E MESTRE EM DIREITO PELA UI	FAXINAL DOS ROSAS	COM OS PAIS
BRUNO	24	TRABALHA NA CRESOL, FILIAL DO BAIRRO TREVO	FORMADO EM ADMINISTRAÇÃO PELA UFFS	COLÔNIA CELLA	COM OS PAIS
CLARA	19		CURSANDO ODONTOLOGIA NA UNOCHAPECÓ	FAXINAL DOS ROSAS	COM OS PAIS
MARIA	21		CURSANDO ENFERMAGEM PELA UDESC	BARONESA DE LIMEIRA	COM OS PAIS
PEDRO	27	TRABALHA COMO AGRICULTOR NA PROPRIEDADE DA FAMÍLIA	FORMADO EM GASTRONOMIA PELA UNOCHAPECÓ	RODEIO BONITO	COM A ESPOSA NA PROPRIEDADE DA FAMÍLIA
RAFAEL	21	TRABALHA COMO AGRICULTOR NA PROPRIEDADE DA FAMÍLIA	CURSANDO AGRONOMIA NA UNOCHAPECÓ	TORMEM	COM OS PAIS
SABRINA	20	TRABALHA COMO AUXILIAR ADMINISTRATIVO	CURSANDO AGRONOMIA NA UNOCHAPECÓ	SERRARIA REATTO-DISTRITO MARECHAL BO	COM OS PAIS
SIMONE	20	TRABALHA NA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DA UNOCHAPECÓ	CURSANDO JORNALISMO NA UNOCHAPECÓ	FAXINAL DOS ROSAS	COM OS PAIS
SOPHIA	25	TRABALHA COMO AGRICULTOR NA PROPRIEDADE DA FAMÍLIA	CURSANDO MEDICINA VETERINÁRIA NA UFPEL	ASSENTAMENTO DOM JOSÉ GOMES	COM A MÃE E O PADRASTO
VITOR	19	TRABALHA COMO AGRICULTOR NA PROPRIEDADE DA FAMÍLIA	CURSANDO AGRONOMIA NA UNOCHAPECÓ	COLÔNIA CELLA	COM OS PAIS

Fonte: Elaboração da autora, 2021.

Com base no Quadro 1, que foi elaborado a partir das entrevistas, fica evidente a busca pela escolarização, por parte dos jovens do campo, uma vez que todos os que participaram da entrevista estão em cursos de graduação ou já estão formados. Para elucidar esse aspecto, destaca-se que não era um pré-requisito quando se elaborou o quadro de perfis dos jovens que seriam contatados para participar da pesquisa. Porém, quando analisados os conteúdos das interlocuções é que se percebeu essa semelhança entre os participantes. Portanto, quando confrontado com a teoria, nota-se que o avanço das políticas públicas de acesso e permanência nas universidades, sejam elas públicas, privadas ou comunitárias, não beneficiou somente os jovens da cidade, mas também do campo e de toda a região.

A expansão do consumo imaterial ocorre de forma significativa no final do século XX, quando educação, saúde e atividades culturais passam a fazer parte da vida, impondo novos valores e vivências. Essa nova vocação de consumo facilita a ampliação do ensino superior, a diversidade de cursos e o aumento das matrículas, por exemplo. Embora, no Brasil, elas se concentrem nas grandes regiões, houve uma investida na interiorização do ensino, o que se deve, no caso da região Sul, ao avanço de universidades particulares, principalmente as comunitárias (SANTOS, 2020).

Nessa perspectiva, a sociedade de consumo, em conformidade com Magrini e Catalão (2019), é a articulação entre a ordem de produção que acompanha as estratégias econômicas e políticas e a ordem de consumo que está atrelada à dimensão da manipulação universal, ou seja, a abundância de objetos, serviços e espaços a serem consumidos.

4. RELAÇÕES DE CONSUMO E SOCIABILIDADE DOS JOVENS DO CAMPO

Para compreender essa relação entre os jovens do campo com o consumo e a sociabilidade, é primordial, entender o processo pelo qual Chapecó vem passando nas duas últimas décadas, é parte de um processo de reestruturação urbana em que Soja (1993) afirma que as retificações convencionais não são mais suficientes para impedir crises, então necessita se reestruturar para poder continuar o “progresso”.

Chapecó, a partir do final do século XX, vem se constituindo como centro regional, fortemente relacionado ao agronegócio, que modernizou o campo e possibilitou a expansão de indústrias nos setores principalmente alimentícios. Porém, no início do século XXI, ela passa por uma nova reestruturação que está diretamente relacionada, como afirma Nascimento (2015), com o processo de urbanização brasileira, que tem como principais aportes as dinâmicas econômicas e sociais, de influências das cidades. Nesse sentido, as influências econômicas não eram mais suficientes para garantir o progresso, foi necessária a implementação de novos equipamentos, como a instalação de novas Universidades ou o aprimoramento das que já existiam, a expansão e criação de novos centros comerciais, como o shopping, os atacados de redes nacionais e internacionais, além de uma vasta rede de especializações médicas, entre outras, que vieram a fazer parte da dinâmica de Chapecó e possibilitaram estabelecer novas relações entre cidade-campo e da cidade com a região e o país.

Em conformidade com Magrini e Catalão (2019), as cidades médias tiveram suas funções urbanas alteradas a partir de dois aspectos interdependentes que são o surgimento e aumento da atuação de empresas de capital nacional e estrangeiro, principalmente relacionadas aos ramos da indústria e do comércio de bens e serviços, por meio de equipamentos de consumo, e, por outro lado, as políticas de inclusão econômica.

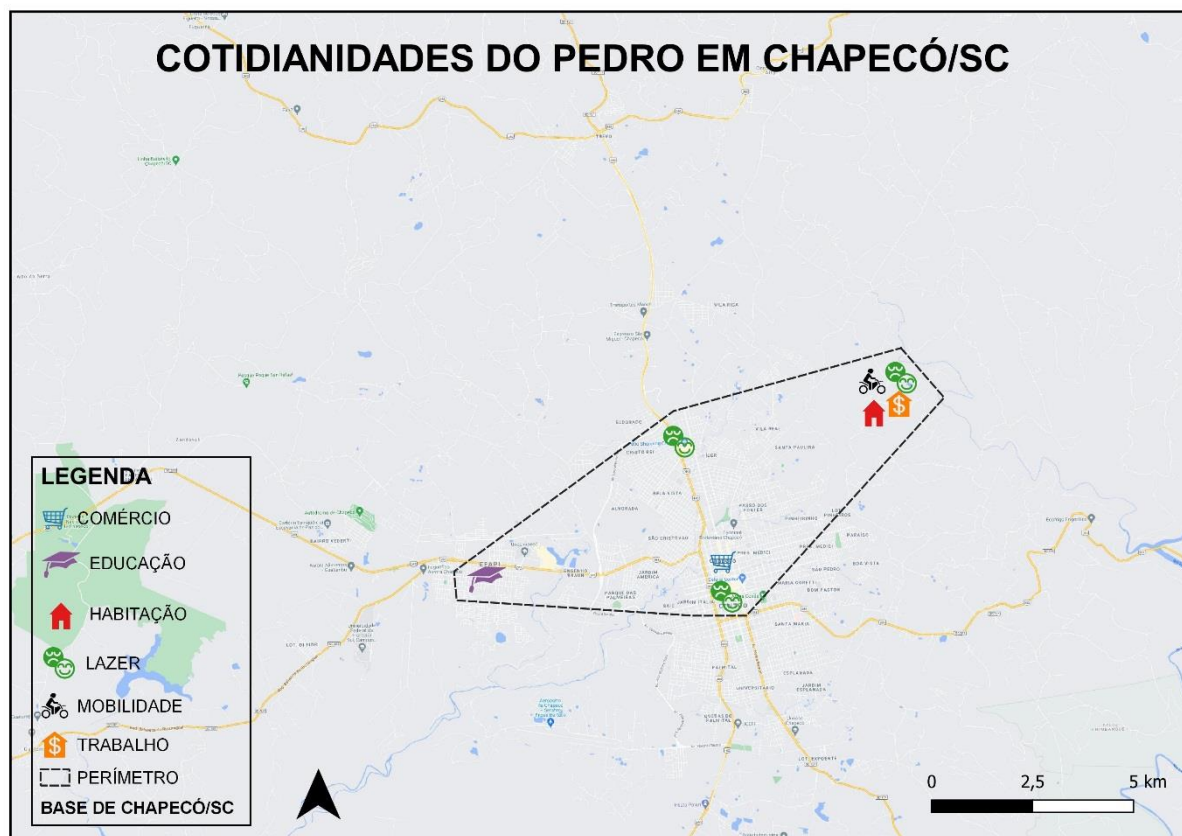
Nessa perspectiva, o papel da cidade de Chapecó é de extrema complexidade, pois por muitos anos ela esteve voltada para atender às demandas produtivas vinculadas ao campo. Apesar de ainda manter um forte vínculo com o agronegócio e ter inúmeros equipamentos para circulação, distribuição e informação, com o objetivo de replicar a realidade do agronegócio, nos últimos anos ela vem passando por uma reestruturação que vai além da economia e passa a ser também uma reestruturação cultural, devido à tecnificação e ao aumento da oferta de bens e serviços, que foram sendo criados durante esse período de maior articulação ao capital nacional e internacional. Conforme aponta Facco, Fujita e Berto (2014, p. 188), “Chapecó influencia fortemente a região oeste, destacando-se também nas atividades de comércio e na

oferta de equipamentos e serviços. Foi nesse cenário regional que Chapecó ampliou suas bases produtivas não deixando de lado suas características próprias e exclusivas”.

Contudo, esse comércio de bens e serviços que foram se instalando em Chapecó não se limitam a atender exclusivamente a cidade, visto que essa reestruturação chega até o campo, pois, como é possível perceber através dos croquis e da análise das entrevistas a seguir, os jovens do campo também são consumidores ativos desses bens e serviços que Chapecó passou a oferecer com mais intensidade nesse novo período de reestruturação.

À vista disso, o primeiro croqui apresentado pela Figura 3 é de Pedro, que é morador da linha Rodeio Bonito. Apesar da sua rotina exaustiva trabalhando na propriedade, como relatado por ele na entrevista, destacou sua relação com a cidade para a realização de compras para a propriedade numa frequência que seria de uma ou duas vezes por semana.

Figura 3 – Croqui do cotidiano de Pedro (27 anos) em Chapecó



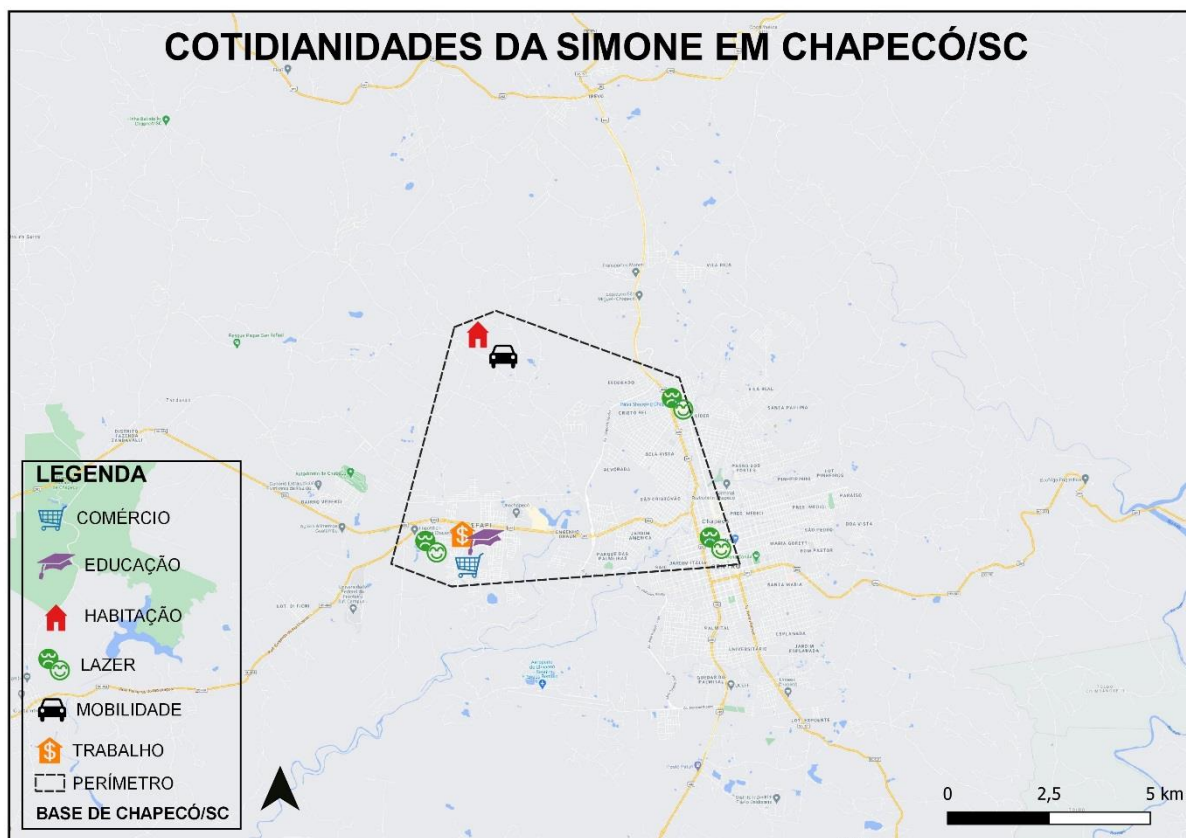
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Nessa perspectiva, também foi questionado sobre a relação de lazer praticado por ele que relatou ir em alguns restaurantes do centro e no shopping da cidade, além de frequentar um ginásio na comunidade para a prática de esportes, porém, como apontado por eles, as práticas

de lazer não eram com muita frequência devido à rotina de trabalho. Já a parte de comércio é realizada principalmente no centro da cidade.

Na Figura 4, temos o croqui de Simone, que foi realizado com base nos seus relatos durante a entrevista. Moradora da comunidade do Faxinal dos Rosas, apresenta outras práticas espaciais, em que sua relação de lazer está posta em diferentes pontos da cidade, mas novamente o centro se destaca, assim como o shopping. Quando pensado sobre a relação que ela estabelece com o campo, pode-se contemplar como sendo um lugar de moradia e de convivência com a família, visto que o trabalho e o estudo, bem como as práticas comerciais são realizadas no bairro Efapi, como é possível observar na Figura 4.

Figura 4 – Croqui do cotidiano de Simone (20 anos) em Chapecó



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Um aspecto interessante explanado pela entrevistada é em relação às possibilidades que a cidade oferece de vários lugares para ir, para encontrar pessoas, da possibilidade de ter mais de uma opção de lazer e as coisas próximas.

Quando consideramos a realidade da Clara, que apesar de residir na mesma comunidade de Faxinal dos Rosas, estabelece relações diferentes com a cidade. Ela também estuda na

mesma instituição de ensino, porém o seu lazer concentra-se no shopping e no centro da cidade, mas, como relatado por ela, foram muito impactados pela pandemia de Covid-19. Enquanto as relações de comércio são desenvolvidas na parte central, o bairro Efapi novamente aparece como sendo uma referência para alguns tipos de serviços consumidos, por diferentes razões, mas, entre as principais alegadas por ela, está a proximidade com a residência. Nas Figuras 4, 5 e 6, é possível ter uma noção dessa espacialização e do contato com o bairro Efapi relatado pelas entrevistadas, devido à proximidade da comunidade com o bairro em relação ao centro da cidade.

Figura 5 – Croqui do cotidiano de Clara (19 anos) em Chapecó²



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

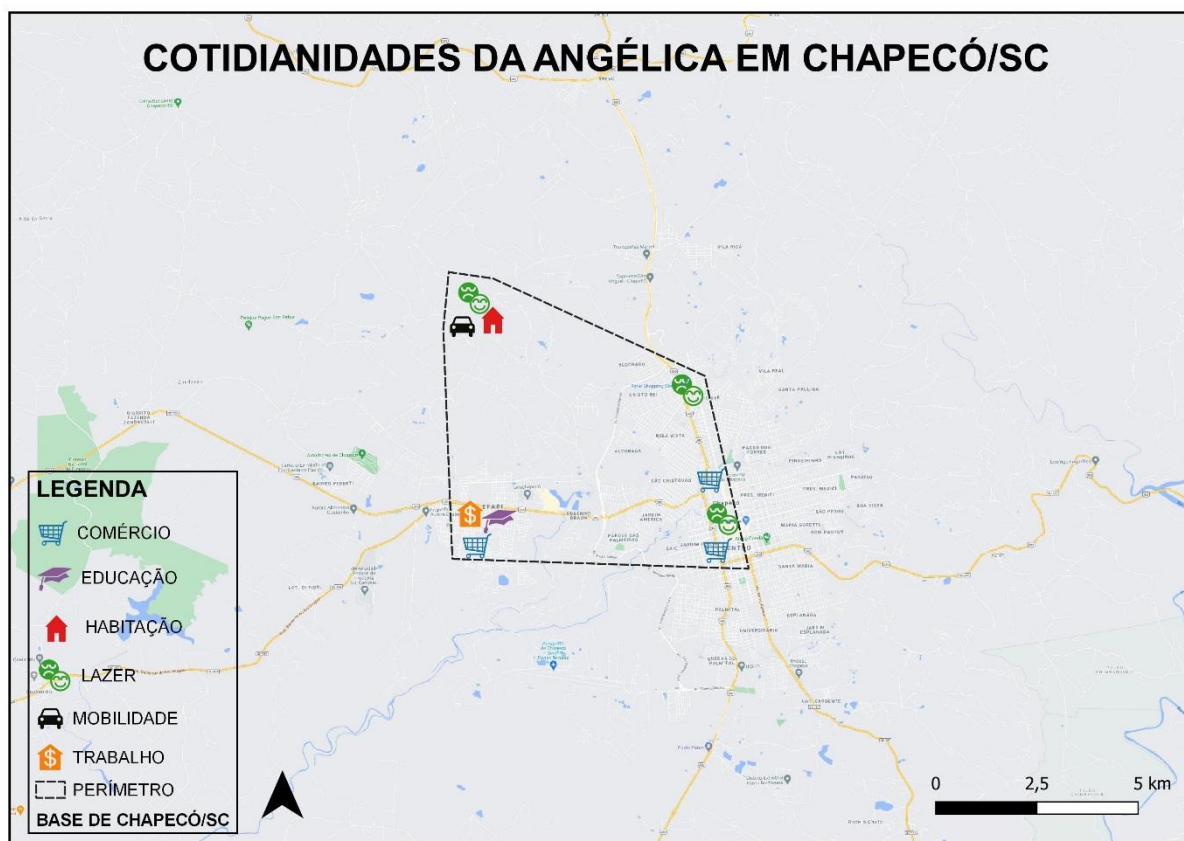
Nessa perspectiva, Angélica também reside na comunidade Faxinal dos Rosas, o seu lazer também está situado nos principais pontos da cidade, como se observou anteriormente, porém ela relatou que frequenta ativamente as festas de comunidade que são realizadas e os seus espaços de lazer não foram apontados por outros entrevistados, mesmo sendo em um lugar

² A entrevistada enfatizou durante a entrevista que no momento está com dedicação exclusiva aos estudos, portanto não está trabalhando, porém o símbolo permaneceu no croqui devido ao padrão estabelecido.

comum, que seria o centro da cidade por exemplo. Em seu relato, ela traz alguns espaços como cafés, centro de eventos em que é possível assistir shows e também o teatro municipal, esses espaços muito relacionados com seus interesses. Em relação ao comércio e às práticas de consumo, ela pontua três espaços, que seriam o bairro Efapi, o centro e o mercado da cooperativa da qual sua família é associada.

Na relação com o trabalho, as três entrevistadas, cujas práticas estão representadas pelas Figuras 4, 5 e 6, não trabalham no campo, pois possuem trabalhos na cidade ou então, no caso de Clara, está em dedicação integral ao curso de graduação.

Figura 6 – Croqui do cotidiano de Angélica (24 anos) em Chapecó



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Angélica traz outro elemento interessante para observar nos croquis que é o meio de transporte utilizado nos seus deslocamentos. De acordo com ela: “sempre existe a necessidade de ter um veículo próprio, que é como eu te falava antes, um fator que limita muito a liberdade das pessoas do campo ainda é essa questão, sempre depende de ter esse meio de transporte”. Se analisado com muita atenção em todos os croquis e relatos, o veículo é apontado como sendo próprio, não a relatos de utilização de transporte público que circula entre campo e cidade.

No cotidiano de Vitor, que trabalha na propriedade da família, localizada na comunidade de Colônia Cella, as suas atividades de lazer estão localizadas no centro da cidade, assim como no shopping e no bairro Efapi, próximo à instituição de ensino em que estuda, onde há um campo de futebol sintético, em que ele participa de jogos de futebol. Quando questionado sobre as práticas de lazer, ele explanou a sua frequente ida a barzinhos e restaurante localizados no centro, além de baladas, e destacou idas ao shopping center. Na relação de comércio, são realizadas compras no centro da cidade, principalmente pelo preço dos produtos serem mais módicos ali.

Figura 7 – Croqui do cotidiano de Vitor (19 anos) em Chapecó



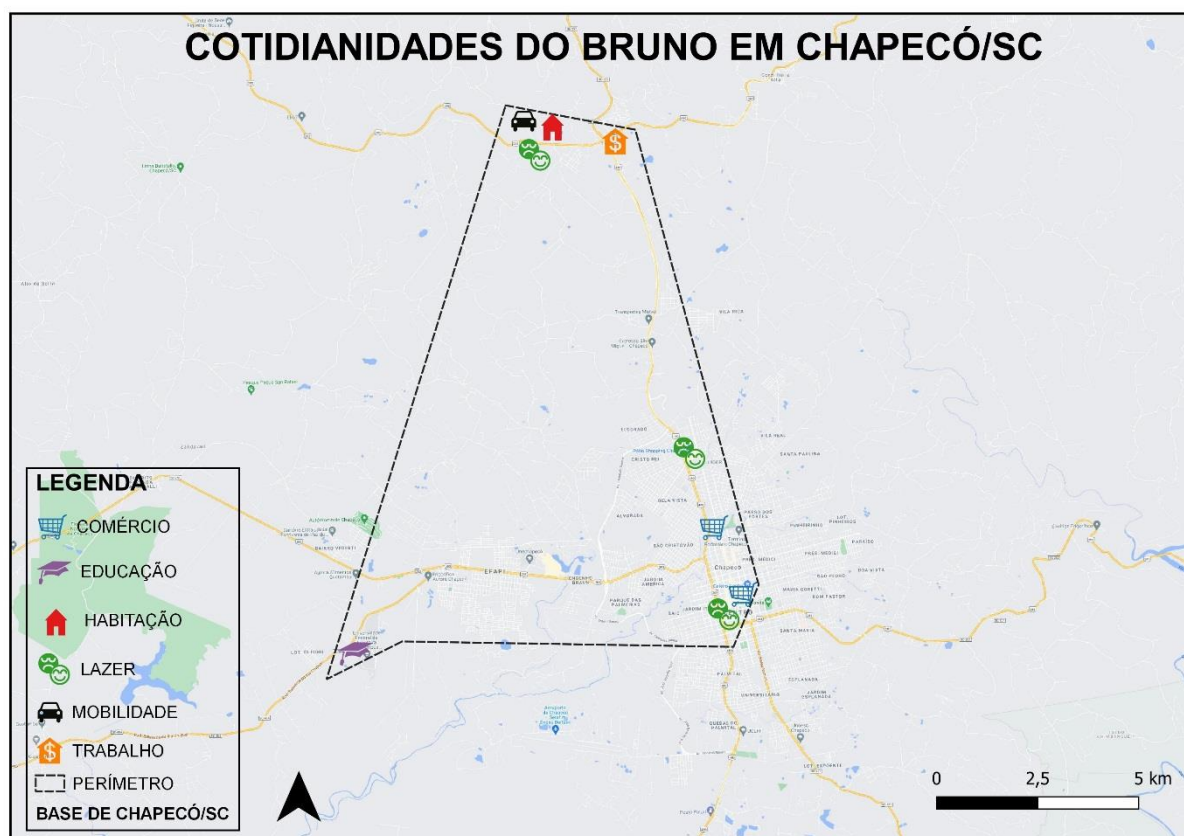
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Bruno é morador da comunidade de Colônia Cella e é o único entrevistado que estudou na Universidade Federal da Fronteira Sul, conforme o croqui da Figura 8 demonstra. Devido a sua formação em Administração, ele trabalha na Cooperativa de crédito CRESOL, que é vinculada principalmente aos agricultores e está baseada no cooperativismo solidário, na filial localizada no bairro Trevo. E quanto às práticas de lazer, ele afirma:

Bem, então os lugares que eu gosto de frequentar... então, é no shopping de Chapecó, gosto de ir na Arena Condá assistir a jogos, gosto de ir nos barzinhos para me reunir com os amigos para tomar, beber algo, para conversar para falar um pouco sobre a semana do dia a dia como que foi. Gosto também de jogar futebol. Também tem lugares aí em Chapecó que ficam no centro que tem ginásio que tem campos sintéticos, então também gosto de ir, acho que seria mais esses lugares. (Bruno, 24 anos)

Porém, antes da pandemia de Covid-19, ele relatou que também costumava frequentar a comunidade e o grupo de jovens, que conta com um espaço para desenvolver atividades, como mesa de sinuca e tênis de mesa, além do campo. A comunidade, no geral, é bem estruturada e disponibiliza um espaço para que os jovens possam participar e realizar suas atividades em grupos.

Figura 8 – Croqui do cotidiano de Bruno (24 anos) em Chapecó



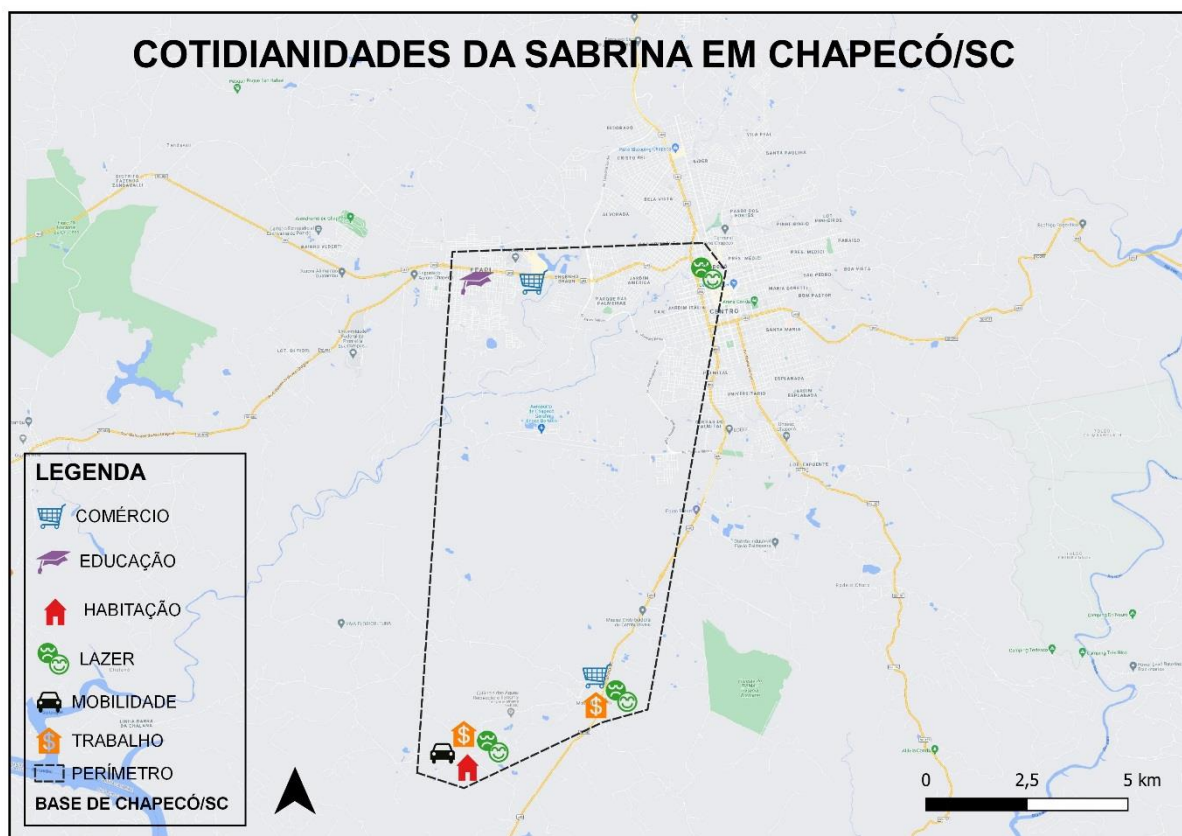
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Em relação ao comércio, a exposição feita por ele é que as compras no supermercado são realizadas em sua maioria no supermercado da Cooperativa (SuperAlfa) ou então no centro da cidade.

Sabrina tem outra relação com a cidade, em virtude de morar na linha Serraria Reatto que fica próxima ao distrito de Marechal Borman. Então as suas práticas de consumo e sociabilidade são desenvolvidas principalmente neste distrito como se pode verificar na Figura 9. No que diz respeito ao trabalho, ela trabalha um período em uma empresa que também está localizada no distrito e o outro período ela trabalha na propriedade da família, além de ser responsável pela parte administrativa.

No que concerne às práticas de lazer, ela destaca três localidades, sendo o centro para atividades como barzinhos, no distrito ela costuma praticar esportes com um grupo de amigos e na comunidade: “tem bastante, no caso, cachoeiras assim que, no verão, a gente se juntava com os amigos e vamos lá na cachoeira, estância das águas tem aqui perto também, que tem o camping, ali mais indo para o lado do Rio Grande do Sul tem o porto do Goiô-en.”

Figura 9 – Croqui do cotidiano de Sabrina (20 anos) em Chapecó

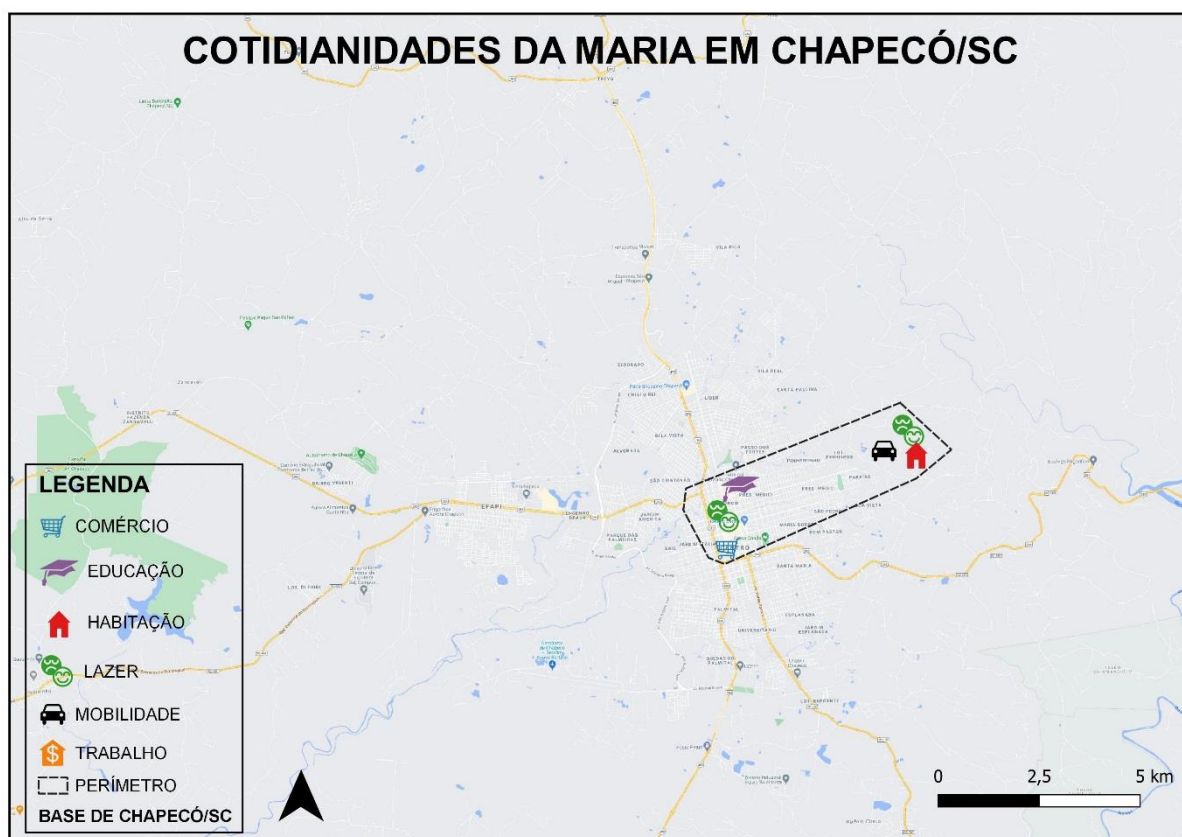


Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

No que se refere às relações de comércio e supermercado, ela explica que são realizadas especialmente no distrito de Marechal Borman, porque a distância do centro da cidade não compensa em relação a valores, mas que às vezes frequenta os atacados.

Na Figura 10, está o croqui com as cotidianidades de Maria, que é moradora da comunidade Baronesa de Limeira. Atualmente ela está em dedicação exclusiva para o curso de Enfermagem na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Portanto a sua relação com o campo estava voltada para a moradia e atividades de lazer no salão da comunidade, que, de acordo com ela, não estão mais acontecendo devido à pandemia de Covid-19. Outras práticas de lazer desenvolvidas por ela são frequentemente realizadas no centro da cidade, da mesma maneira que o supermercado e as práticas comerciais.

Figura 10 – Croqui do cotidiano de Maria (21 anos) em Chapecó³



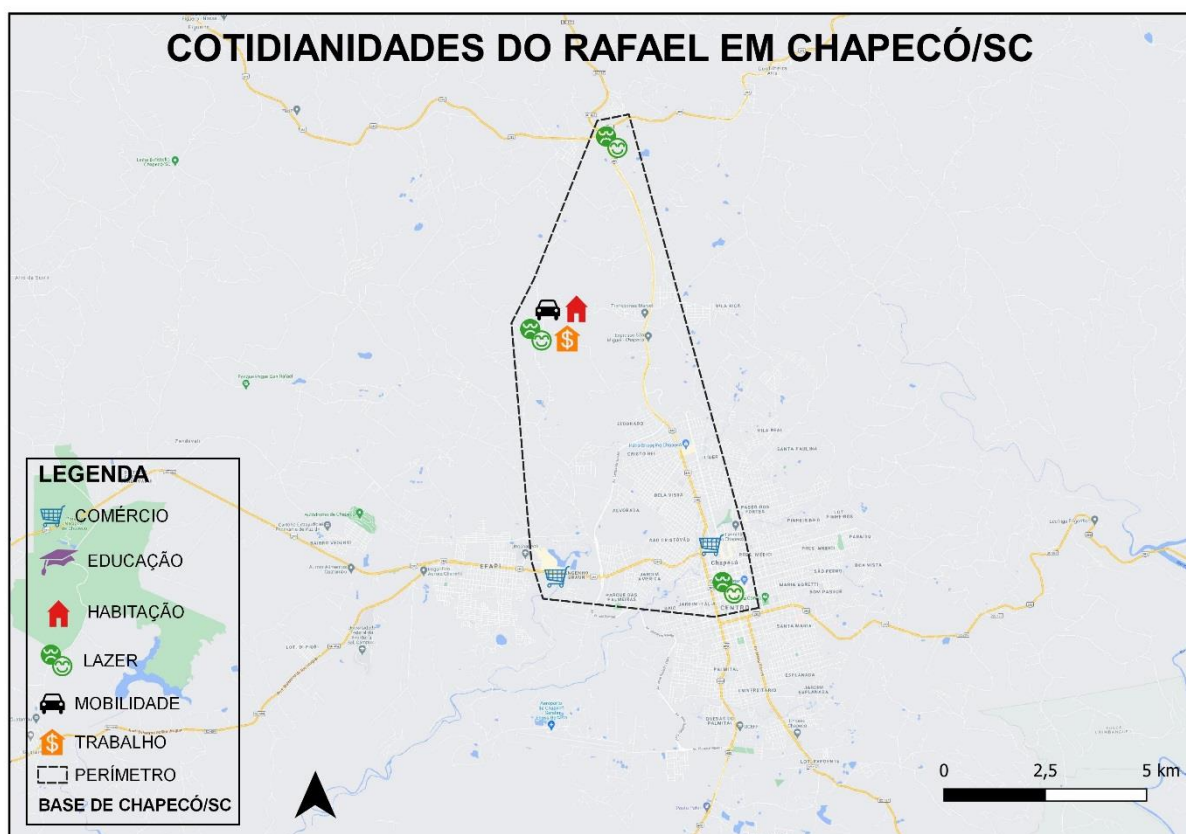
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Rafael reside na Linha Tormen, como demonstrado na Figura 11, e atualmente trabalha na propriedade da família. Suas práticas de lazer em relação a barzinhos e restaurantes se concentram no centro da cidade, porém ele também costuma praticar esportes no bairro Trevo e jogar bola no campo da comunidade. Em relação às compras em supermercados, ele relatou

³ A entrevistada enfatizou durante a entrevista que no momento está com dedicação exclusiva aos estudos, portanto não está trabalhando, porém o símbolo permaneceu no croqui devido ao padrão estabelecido.

serem principalmente no centro, mas, às vezes, ele também vai aos atacados que ficam próximos ao bairro Efapi.

Figura 11 – Croqui do cotidiano de Rafael (21 anos) em Chapecó

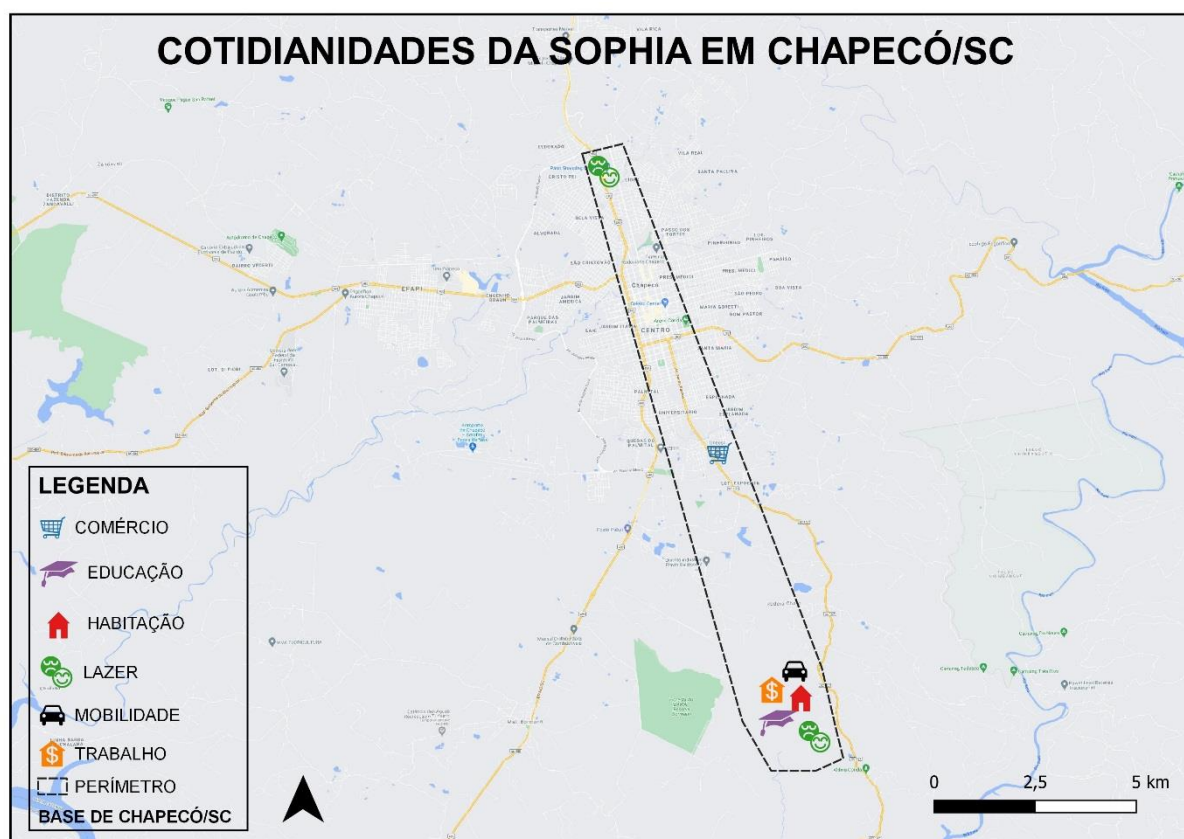


Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A perspectiva de Sophia deve ser analisada com mais cautela, pois atualmente ela voltou a morar no Assentamento Dom José Gomes. Antes da pandemia de Covid-19, ela estava cursando Medicina Veterinária em Pelotas-RS, em uma turma especial vinculada ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Portanto, as suas práticas espaciais cotidianas eram desenvolvidas em outra cidade. Nesse sentido, para representar a parte da educação, devido ao fato de estar tendo aulas on-line, foi representado junto à casa e, mesmo anteriormente não estando em Chapecó, no momento da pesquisa ela estava e se encaixava no perfil dos entrevistados, além de ter a característica de vinculação a um assentamento de reforma agrária. Quando questionada sobre as práticas de lazer, ela relatou que sua frequência

na cidade de Chapecó é basicamente no shopping, principalmente nesse momento, pois não gosta da aglomeração que tem no centro da cidade. Todavia, também demonstrou que participava das atividades que eram desenvolvidas na comunidade. Quanto ao comércio e principalmente em relação ao supermercado, são desenvolvidos no bairro Seminário.

Figura 12 – Croqui do cotidiano de Sophia (25 anos) em Chapecó



Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Os croquis acima apresentados nos possibilitam compreender a noção de sociabilidade proposta por Turra Neto (2008), ou seja, de que a condição juvenil possibilita movimentar-se pela cidade, construir redes de amigos, valorizar o lazer e o tempo livre, enfatizando que a espacialidade é fundamental para compreender as formas contemporâneas de juventude.

O espaço central da cidade desempenha papel fundamental nas relações de consumo e lazer praticadas pelos jovens entrevistados, ao mesmo tempo que representa um conjunto de produtos e serviços que estão relacionados à lógica da reprodução capitalista e que constantemente estão se remodelando de acordo com as necessidades, no processo de

reprodução da vida urbana, passando por mudanças culturais, mas também na dinâmica da economia com a implantação do shopping center. De acordo com Motter e Batella (2013), o shopping implantado em Chapecó anunciava a chegada da “inovação” ao Oeste Catarinense, provocando uma mudança simbólica na população.

Em conformidade com os entrevistados os dois principais pontos de lazer e sociabilidade descritos por eles são o espaço central da cidade que desempenha até o momento um papel fundamental quando analisadas as relações de sociabilidade, porém o shopping também foi descrito pelos entrevistados como um lugar frequentado, uma vez que ele acarretou nessa mudança na representação do espaço. Isso difere do que foi visto em pesquisa sobre os jovens da periferia da cidade de Chapecó, que não citavam o shopping como espaço preferencial de lazer e sociabilidade (BRUNETTO, 2021).

Nessa perspectiva, Antunes (2009) afirma que ver e ser visto é justamente essa dinâmica de interação entre os jovens e os espaços de sociabilidade. Em outras palavras, essa relação que o jovem tem com o centro da cidade pode ser associada a uma busca por visibilidade em virtude de ser um espaço frequentado por diferentes pessoas, inclusive pelos jovens do campo, que, como os jovens da periferia⁴, buscam por essa interação social através do ver e ser visto.

A relação campo-cidade no que se diz respeito ao lazer é marcante por parte dos entrevistados, embora ainda existam, em algumas comunidades, essa organização de espaços de sociabilidades destinados aos jovens, que não impedem que eles frequentem esses espaços ao mesmo tempo em que buscam na sua maioria frequentar o centro da cidade, o shopping center e outros locais nos diferentes bairros. Conforme Oliveira (2006, p. 4-5): “Ao contrário dos moradores da cidade que buscam no campo momentos de tranquilidade, lazer e descanso, para quem reside no mesmo [no campo], este representa um local de trabalho, um espaço com poucas opções de lazer e atividades culturais. Nos dias de hoje, o lazer está hegemonicamente na cidade, e apresenta-se em seus teatros, salas de cinema, clubes esportivos, *shopping centers*, praças iluminadas, entre outros espaços”.

No entanto, quando se fala de lazer e sociabilidade, é necessário evidenciar alguns aspectos retratados pelos jovens, pois essa relação de consumo e sociabilidade é vivenciada de diferentes formas por eles, ou seja, o centro da cidade é um ponto em comum, porém cada um experimenta esses lugares de maneiras distintas. Em outras palavras, Angélica frequenta o centro principalmente durante o dia para ir em cafés, enquanto os outros entrevistados

⁴ Em pesquisa de iniciação científica realizada pela autora, os jovens da periferia de Chapecó foram analisados em suas práticas espaciais (BRUNETTO, 2021).

frequentam prioritariamente na parte noturna, para atividades relacionadas a bares, restaurantes e baladas. Ao mesmo tempo, Sophia, diferentemente dos demais, não costuma frequentar o centro e sim outro espaço: o shopping. Conseqüentemente, todos buscam de alguma forma coabitar a cidade para desenvolver as suas práticas de lazer.

Todavia, não significa afirmar que a cidade está relacionada somente a essa vivência de liberdade, de facilidade, enquanto o campo se resume a trabalho ou a moradia. E sim, como afirma Lefebvre (2016): “A vida urbana compreende mediações originais entre a cidade, o campo e a natureza”.

A vida no campo é muito mais complexa do que apenas afirmar sobre as dificuldades encontradas, principalmente em relação às condições de trabalho, de férias, de lazer, pois os jovens entrevistados discorreram sobre os pontos positivos de morar no campo e eles evidenciam a qualidade de vida estabelecida no campo em relação àquela da cidade.

Eu acho que tem uma paz assim, a questão da alimentação também. Como meus avós são agricultores, eu acho que a gente come muita coisa assim que é daqui mesmo, que são meus avós que plantam, sem agrotóxicos sem veneno, sem nada, produtos orgânicos, né? Então a gente compra, é claro, as coisas que precisamos, mas muitas coisas o meu avô e minha avó produzem aqui, então a gente... a alimentação acaba sendo uma coisa muito boa. Questão do lugar, nem se fala, assim, é de uma paz, é diferente daquela correria da cidade, eu acho que é isso. (Clara, 19 anos)

Ah, os pontos positivos: é liberdade de você pode sair, ir caminhar no ar livre, sem ter carro passando toda hora, pode ir ali, se tu quer plantar uma árvore tu vai em qualquer canto e planta uma árvore, acho que um pouco de calma que tem, acho que várias coisas. (Sabrina, 20 anos)

Tranquilidade, acho que em primeiro lugar, né? A paz que tu tem no campo, quando eu vou pra cidade eu chego, às vezes tu precisa ir no mercado ou resolver alguma coisa no banco parece que a gente já fica com dor de cabeça que é algo que aqui não acontece isso, então parte boa é isso, é a tranquilidade, a paz, a alimentação saudável, essas questões assim. (Sophia, 25 anos)

A qualidade de vida é melhor, o custo de vida é menor também porque aqui no campo você não precisa comprar carne, você não precisa comprar nada, porque a gente tem tudo aqui, o que mais? É mais sossegado, é mais tranquilo, eu acho que seria isso. A gente trabalha para a gente, não trabalha para os outros. (Rafael, 21 anos)

Portanto, essa relação com a natureza e o campo é uma qualidade apontada pelos entrevistados, de uma forma que, ao mesmo tempo em que se procuram experiências urbanas, existe uma valorização pelo que o campo lhes oferece. O modo de vida urbano no campo não significa aniquilar as particularidades deste, mas se precisa proporcionar uma proteção social, garantindo as condições básicas para a vida, principalmente no que se refere aos direitos básicos, que são primordiais, como propostos por Lefebvre e vistos anteriormente.

Nessa direção, é indispensável para esse debate verificar na fala dos entrevistados em relação à cidade os aspectos que eles valorizam. Para tanto, foram questionadas quais coisas eles gostam na cidade e os depoimentos estão atrelados às questões de lazer, de consumo, que a cidade proporciona e que é essencial para a cultura juvenil em uma “sociedade burocrática de consumo dirigido” (LEFEBVRE, 1999).

Eu gosto de frequentar o shopping, de ir no cinema, de passear, de passar umas horas lá, de ir no estádio assistir à Chapecoense, essas coisas, quando precisa ir fazer compras, né? Essa questão de eletroeletrônicos, de comprar uma coisa, a gente vai mais por necessidade mesmo de fazer algo. (Bruno, 24 anos)

Eu gosto de atividade de lazer, de ir para lugares para me distrair. (Maria, 21 anos)

Ah, eu gosto da possibilidade de vários lugares para ir, para encontrar pessoas, da possibilidade de ter mais de uma opção de lazer e as coisas perto, né? Ah, se tu quer ir no supermercado, tem perto da sua casa, se você quiser ir em uma academia, tem perto da sua casa, o trabalho também e tem transporte público que você pode usar, e não precisa depender do seu carro ou da sua família e outras facilidade que tem, tipo aqui não tem nem correio, então se tu quiser comprar alguma coisa na internet não pode comprar porque não vai chegar, e na cidade vai e é essa facilidade que a cidade oferece. (Simone, 20 anos)

Olha, o que eu gosto na cidade, olha, eu gostava antes da pandemia alguns tipos de eventos sociais, shows, quando tinha e também frequentar locais como sebos, livrarias, assim, o meu perfil de espaços de lazer é mais o menos esses. Então os espaços que eu frequentava antes eram esses, mas agora mesmo, para ser bem sincera, eu suspendi tudo ano passado; enquanto não tiver vacinada não está rolando. (Angélica, 24 anos)

As inúmeras possibilidades e o envolvente modo de vida urbano são fatores que podem motivar o jovem a deixar o campo ou então frequentar espaços na cidade e isso se deve à inserção de forma incisiva da vida urbana no campo, muitas vezes pela influência das mídias, utilizadas pelo capitalismo para expandir o seu modo de vida para além dos espaços da cidade, chegando até o campo. Ainda assim, para muitos jovens, ficar na propriedade é a opção em questão em função da tranquilidade, da qualidade de vida e dos benefícios que a vida no campo proporciona, sem deixar suas necessidades em segundo plano, em razão de que todos os entrevistados estão tendo acesso à educação de nível superior, por exemplo, além de poder realizar as suas práticas de lazer e de sociabilidade, sejam elas na cidade ou no campo. Nessa perspectiva, Lefebvre (2016, p. 79) afirma que:

A vida urbana penetra na vida camponesa despojando-a de elementos tradicionais: artesanato, pequenos centros que definham em proveito dos centros urbanos (comerciais e industriais, redes de distribuição, centro de decisão etc.). As aldeias se

ruralizam perdendo as especificidades camponesas. Alinham-se com a cidade, porém resistindo e às vezes dobrando-se ferozmente sobre si mesma.

A vida tradicionalmente camponesa tende à quase inexistência, frente às mudanças ocorridas na agricultura no país nas últimas décadas, que, como se observou, não foram somente mudanças na técnica utilizada no campo, ou o modelo de produção, mas também transformações que passam pelo modo de vida camponês, penetrando nos espaços as feições da vida urbana, que são verificadas por meio das influências na educação, na cultura, nos bens de consumo e nas tecnologias que hoje não são mais próprias da cidade e sim difundidas pelo espaço como um todo, de tal maneira que estão entrelaçadas e as vezes se confundem. Harvey (2014, p.19), a partir dos trabalhos do Lefebvre, aponta que:

Lefebvre também percebia que a relação entre o urbano e o rural – ou, como preferem os ingleses, entre o campo e a cidade – vinha passando por transformações radicais, que o campesinato tradicional estava desaparecendo e que o meio rural estava sendo urbanizado, ainda que esse processo gerasse uma nova abordagem consumista na relação com a natureza (substituindo os fins de semana e os períodos de lazer pelos subúrbios arborizados, em vertiginosa proliferação), e uma abordagem capitalista, produtivista, dos suprimento de mercadorias agrícolas aos mercados urbanos, ao contrário do que ocorria com a agricultura camponesa autossustentável. Além disso, ele teve a presciência de perceber que esse processo se estava “globalizando”, e que, em tais condições, a questão do direito à cidade (entendida como uma coisa distinguível ou um objeto definível) tinha de ceder espaço à questão um tanto mais vaga do direito à vida urbana, que mais tarde se transformou, em seu pensamento, na questão mais geral do direito a La Production de l’espace [A produção do espaço].

A vivência na cidade e no campo, nos dias atuais, se confunde, devido à relação dos bens materiais e simbólicos estar entrelaçada de tal modo que os padrões estabelecidos pela vida urbana quase na sua totalidade estão presentes no campo. Isso ocorre principalmente pela urbanização e industrialização imposta pelo mundo capitalista, que se infiltrou de tal forma que as relações campo-cidade ficaram cada vez mais complexas. A cidade está no campo da mesma forma que o campo está nela, logo, melhorar a qualidade de vida no campo ou na cidade só é possível quando há lutas coletivas a fim de alcançar direitos iguais para toda a sociedade.

É por esse motivo que o direito à cidade deve ser entendido não como um direito ao que já existe, mas como um direito de reconstruir e recriar a cidade como um corpo político socialista e com uma imagem totalmente distintas, que erradique a pobreza e a desigualdade social e cure as feridas da desastrosa degradação ambiental. Para que isso aconteça, a produção das formas destrutivas de urbanização que facilitam a eterna acumulação de capital deve ser interrompida (HARVEY, 2014, p. 247).

Nessa perspectiva, lutar por uma melhoria das condições de vida tanto no campo quanto na cidade é importante para superar as contradições existentes na vida urbana capitalista, ou

seja, a luta pelo direito à cidade pode ser apropriada também pela luta camponesa, visto que está atrelada a uma renovação da vida urbana e que se realiza a partir da superação dessa sociedade de exploração capitalista.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A juventude busca na sociedade contemporânea o melhor do campo e da cidade, visto que não precisa efetivamente sair do campo para aproveitar os benefícios da urbanização, o que não significa dizer que ela só tem benefícios, pois o processo de urbanização trouxe inúmeros problemas, entre eles o agravamento das desigualdades, além dos processos de fragmentação e segregação socioespacial. No entanto, justamente tentando romper um pouco com a fragmentação da visão sobre a realidade é que se buscou entender essa aproximação do jovem do campo com a cidade, de forma a olhar para esse conflito com os olhos de uma jovem moradora do campo e que busca viver e aproveitar o melhor de ambos os lados.

Portanto, os jovens do campo têm direito às condições de vida, naqueles moldes propostos por Lefebvre (2016), que são o direito à cultura, ao lazer, ao trabalho, ao descanso, à saúde, à educação, à habitação, enfim, ao direito à cidade, mas não como expectadores e sim como participantes ativos da construção deste direito.

Nessa sequência, lutar pelo direito à cidade não significa deixar o campo para viver na cidade e sim o direito a ser reconhecido como cidadão e desfrutar de suas prerrogativas. Para tanto, procurou-se entender a realidade dos jovens do campo residentes no município de Chapecó e o que se pode perceber é que os jovens, enquanto sujeitos de direitos, buscam seus ideais e isso também influencia na sua decisão de ficar ou sair, mas que, para além das suas individualidades, a aproximação entre o campo e a cidade abre um leque de oportunidades que cabem a eles escolher. Porém o auxílio da família e muitas vezes a abertura proposta por eles também os condiciona na hora de tomarem as decisões, ou seja, o desejo de estudar para contribuir ainda mais com a produção familiar só é possível quando o jovem faz parte do processo de toma de decisão frente ao futuro da propriedade.

O enfrentamento entre o campo e a cidade é verificado em todos os momentos, visto que os jovens entrevistados buscam por diferentes benefícios de ter uma formação acadêmica, por exemplo. Enquanto alguns procuram a partir dela trazer melhorias para a produção e organização de suas propriedades, outros tendem a visualizar o campo como apenas moradia e vivenciar as suas regalias, ou seja, nem todas as pessoas que moram no campo são agricultores ou pretendem sê-lo.

Nesse caminho, é fundamental considerar o contexto em que Chapecó está inserida, visto que a relação campo-cidade está em outro estágio em relação a outras regiões do país ou de outros países do mundo, posto que essa aproximação entre ambos ficou evidente quando analisados os discursos dos jovens entrevistados, em que todos de alguma forma tiveram acesso

a ensino superior, bem como a momentos de lazer, de sociabilidade, de consumo. No entanto, ainda existem questões e problemas em relação ao acesso, como apresentado por eles, relacionados principalmente com a instabilidade da vida no campo, da mesma maneira que a sucessão familiar ainda é uma lacuna para muitos jovens. Outros aspectos, em particular, também foram apresentado pelos jovens, como a falta de uma caixa postal e a impossibilidade de entrega de correspondências e mercadorias pelos correios no campo. Em outras palavras, apesar dos avanços nessa relação sobre os direitos básicos para a vida humana, ainda existem muitos aspectos a serem melhorados no campo, bem como na vida em geral.

A noção de pertencimento que têm os jovens do campo, foi sendo modificada ao longo do tempo e, quando observada nos seus discursos, eles têm argumentado que, até anos atrás, poderiam se sentir alheios ao ambiente urbano, mas que atualmente se identificam tanto com o ambiente do campo quanto da cidade, afirmando se sentirem pertencentes à vida urbana. Sua identidade perpassa pela aproximação da relação campo-cidade estabelecida ao longo das transformações ocorridas no modo de vida do campo.

Com a infiltração do modo de vida urbano no campo, existe uma inquietação sobre a relação do jovem com a terra, pois observou-se que, mesmo morando no campo, uma grande parte não tem relação com o cultivo. Outra preocupação encontrada ao longo da pesquisa é até que ponto a agricultura familiar vai sobreviver frente à produção capitalista de grandes latifúndios. E quais serão os impactos ambientais da destruição em massa dos recursos naturais? O que e como fazer para pôr em prática o *direto à cidade*? Essas são perguntas que ficaram abertas e que poderão ser respondidas oportunamente em outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALBA, Rosa Salete; MAIA, Claudio Machado; SANTOS, João Pablo; OTSUSCHI, Cristina; VILLELA, Ana Laura Vianna. Dinâmica populacional no oeste catarinense: indicadores de crescimento populacional dos maiores municípios. In: BRANDT, Marlon; NASCIMENTO, Ederson (Org). **Oeste de Santa Catarina: território, ambiente e paisagem**. São Carlos: Pedro & João, 2015. 242 p.

ALBA, Rosa Salete; SANTOS, Verence Fátima S. dos. Chapecó no contexto da migração campo/cidade. **Cadernos do CEOM**, ano 16, n. 15, UNOCHAPECÓ, jun. 2002.

ANTUNES, Camila Sissa. **Do passeio na avenida à balada no prolonga: sociabilidade no espaço público, o caso da avenida Getúlio Vargas, Chapecó (SC)**. 2009. 156 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

BALSADI, Otavio Valestrim. Mudanças no meio rural e desafios para o desenvolvimento sustentável. **São Paulo em Perspectiva**, 2001.

BASTOS, M. N.; SOUZA, J. J. A formação socioespacial do estado de Santa Catarina, Brasil. **Revista Geográfica de América Central**, Costa Rica, p. 1-14, jul./2011.

BONIATTI, Marlene; FABRIS, Adilson José. **Juventude rural no oeste catarinense**. 2017. Trabalho de conclusão de curso (especialização em desenvolvimento regional sustentável) – FAI Faculdades de Itapiranga, 2017.

BRUNETTO, Shara. Diferenciação socioespacial e práticas espaciais da juventude da periferia de Chapecó/SC. In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DA UFFS, 11., out. 2021. **Anais da JIC**, Chapecó: UFFS, 2021.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural**. 2005. 380f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude do campo. In: CALDAT, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Dicionário da Educação do campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude rural, do campo, das águas e das florestas: a primeira geração de jovens dos movimentos sociais no Brasil e sua incidência nas políticas públicas de juventude. **Política & Trabalho, Revista de Ciências Sociais**, n.45, p.193-212, jul/dez, 2016.

CATALÃO, Igor. **Brasília, metropolização e espaço vivido: práticas espaciais e vida cotidiana na periferia goiana da metrópole**. São Paulo: Cultura Acadêmica/Editora Unesp, 2010.

CATALÃO, Igor; MAGRINI, Maria Angélica. Insurgência, espaço público e direito à cidade. **Revista da Associação Nacional de pós-graduação e Pesquisa em Geografia** (Anpege), v.13, n. 22, p. 119-135, set/dez. 2017.

COLETIVO NACIONAL DE JUVENTUDE DO MST. A juventude camponesa e o modelo de produção no campo. In: MARTIN, Laura; VITAGLIANO, Luís Fernando (Org.). **Juventude no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2019.

CORBUCCI, Paulo Barreto; CASSIOLATO, Maria Martha; CODES, Ana Luiza, CHAVES, José Valente. Situação educacional dos jovens brasileiros. In: CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C.; ANDRADE, Carla Coelho de. (Org.). **Juventudes e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009, 303 p.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Minas Gerais, n. 24, Set. /Out. /Nov. /Dez. 2003.

FERREIRA, Brancolina; ALVES, Fábio. Juventude rural: alguns impasses e sua importância para a agricultura familiar. In: CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C.; ANDRADE, Carla Coelho de. (Org.). **Juventudes e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009, 303 p.

FERREIRA, Leonardo Antonio Silvano. O processo de urbanização no Brasil. In: PACHECO, Maria Eliza Corrêa; NETO, Altair Ferraz; FERREIRA, Leonardo Silvano (Org.). **Sociologia rural e urbana**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A, 2017. 200 p.

GÓES, Eda Maria; CATALÃO, Igor de França; MAGRINI, Maria Angélica de Oliveira; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Sujeito, cotidiano e espaço vivido: aspectos metodológicos. In: GÓES, Eda Maria; CATALÃO, Igor; MAGRINI, Maria Angélica de Oliveira; FURINI, Luciano Antonio; CATELAN, Márcio José Verissimo; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Consumo, crédito e direito à cidade**. Appris, Curitiba, 2019.

GROPPO, Luís Antonio. Sentidos de juventude na sociologia e nas políticas públicas do Brasil contemporâneo. **Revista de Políticas Públicas**, São Luís, v. 20, n. 1, p. 383-402, jan/jun. 2016.

FACCO, Janete; FUJITA, Camila; BERTO, James Luiz. Adroindustrialização e urbanização de Chapecó-sc (1950 – 2010): uma visão sobre os impactos e conflitos urbanos e ambientais. **REDES - Revista de Desenvolvimento Regional**, Santa Cruz do Sul, v.19, n. 1, p. 187 – 215, jan./abr. 2014.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

IBGE. **Regiões de influência das cidades: 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020, 192 p.

KOZENIESKI, Éverton de Moraes. Tempo e a produção do espaço: diálogos com Milton Santos e Henri Lefebvre sob o horizonte do rural na região de Erechim. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 37, p. 95-119, 2021.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Itapevi: Nebli, 2016.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Campos do atraso, campos modernos: discursos da extensão rural em Santa Catarina (1956-1975)**. 1997. 219 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

MGRINI, Maria Angélica de Oliveira; CATALÃO, Igor. Direito à cidade e consumo: contradições e convergências. In: GÓES, Eda Maria; CATALÃO, Igor; MAGRINI, Maria Angélica de Oliveira; FURINI, Luciano Antonio; CATELAN, Márcio José Verissimo; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Consumo, crédito e direito à cidade**. Curitiba: Appris, 2019.

MATIELLO, Alexandre Maurício; VILLELA, Ana Laura Vianna; FUJITA, Camila; OTSUSCHI, Cristina; ALBA, Rosa Salete. Chapecó/SC: o agronegócio, o setor terciário em expansão e a crescente desigualdade socioespacial. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; MAIA, Doralice Sátyro (Org). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: dourados e chapecó**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016, p. 171-322.

MONTE-MÓR, Roberto Luís. **O que é o urbano, no mundo contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2006, 14p. (Texto para discussão; 281) Disponível em: < <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20281.pdf> > Acesso em: 14 set. 2021.

MOTTER, Crislaine; BATELLA, Wagner. Novas centralidades em Chapecó: apontamentos sobre as transformações recentes no espaço urbano. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v.14, n.46, jun. 2013, p.60-70.

OLIVEIRA, Edmar Geraldo de. Lazer e a melhoria da qualidade de vida dos jovens rurais de São João Evangelista-MG. 2006. 110 f. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Sustentabilidade) – Centro Universitário de Caratinga, Caratinga, 2006.

PADUA, Rafael Faleiros de. O processo de urbanização do campo: apontamentos metodológicos a partir da realidade de Mato Grosso. **Revista Rural & Urbano**. V. 02, n. 02, p, 47-60, 2017.

PUNTEL, Jovani Augusto; PAIVA, Carlos Águedo Nagel; RAMOS, Marília Patta. Situação e perspectiva dos jovens rurais no campo. **IPEA**, Code 2011.

RAMOS, Sandra. Sistemas técnicos agrícolas e meio técnico-científico-informacional no Brasil. In: SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. (Org). **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

RUA, João. A resignificação do rural e as relações cidade-campo: uma contribuição geográfica. **Revista da ANPEGE**, v. 2, n. 02, 2005.

SILVESTRO, Milton Luiz. **Impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri/Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

SILVA, Jonathan Fagundes da. **Juventude rural e telefone celular: consumo, apropriação e sociabilidade**. 2019, 95 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) –Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2019.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social**

crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SOJA, Edward W. **Postmetrópolis**: estudios críticos de las ciudades y las regiones. Madrid: Traficantes de Sueños, 2008.

SOJA, Edward W. **En busca de la justicia espacial**. Valencia: Tirant Humanidades, 2014.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Abc do desenvolvimento urbano**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. Juventude rural: uma categoria social em construção. In: XII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2005 Belo Horizonte, **Anais do XII Congresso Brasileiro de Sociologia**, Belo Horizonte, 2005.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava**: territórios e redes de sociabilidade. 2008. 533f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

TROIAN, Alessandra; BREITENBACH, Raquel. Jovens e juventudes em estudos rurais do Brasil. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, MS, v. 19, n.4, p. 789-802, out./dez.2018.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.